



Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade Acadêmica de Administração e Contabilidade
Coordenação de Estágio Supervisionado

**POSSIBILIDADES, DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DA
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM INICIATIVAS DE ECONOMIA
SOLIDÁRIA NO CARIRI PARAIBANO**

RAFAELLE AMADO DA SILVA

Campina Grande - 2016

RAFAELLE AMADO DA SILVA

**POSSIBILIDADES, DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DA
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM INICIATIVAS DE ECONOMIA
SOLIDÁRIA NO CARIRI PARAIBANO**

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado ao curso em Bacharelado em Administração da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento parcial das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof.^a Verônica Macário de Oliveira, Dr.^a.

Campina Grande - 2016

COMISSÃO DE ESTÁGIO

Membros:

Rafaelle Amado da Silva

Aluna

Verônica Macário de Oliveira, Doutora

Professora Orientadora

Kettrin Farias Macarajá, Doutora

Coordenadora de Estágio Supervisionado

Campina Grande – 2016

RAFAELLE AMADO DA SILVA

**POSSIBILIDADES, DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DA
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM INICIATIVAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA
NO CARIRI PARAIBANO**

Relatório aprovado em ____ / ____ / ____

Verônica Macário de Oliveira, Doutora
Orientadora

Suzanne Érica Nóbrega Correia, Doutora
Examinadora

Darcon Sousa, Doutor
Examinador

Campina Grande – 2016

Dedico este trabalho a Deus, pois sem Ele nada é possível e a meus pais e irmãos, por todo apoio e suporte ao longo de minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu cuidado e proteção durante toda a minha vida e por me permitir realizar mais um sonho.

Aos meus pais João e Nely, que desde o primeiro momento em que me viram nunca desistiram de mim e se empenharam no cuidado, no amor e na proteção e mesmo com todas as adversidades, me ensinaram que o conhecimento é um dos bens mais preciosos que alguém pode ter.

A meus irmãos Rômulo e Romualdo, por sempre contribuírem e investirem em minha educação e por sempre acreditarem em meu potencial.

A toda a minha família, que se fizeram presentes através de suas orações pela minha vida, em especial a minha prima Aline que me deu total suporte na minha estadia na cidade de Sumé.

Aos meus pais de coração, Amauri e Vanuza, que sempre torceram por meu sucesso e se fizeram presentes nas minhas grandes conquistas até aqui, assim como minha amiga-irmã Camila, por me ajudar nos momentos de tristeza e compartilhar de minhas alegrias.

Aos meus amigos e colegas que estiveram presentes em muitos momentos da minha vida. Em especial a Andreza, Maria Helena, Maria Luíza e Natália por sempre estarem presentes nos momentos em que precisei e por me mostrarem que a amizade verdadeira perpassa por barreiras como o tempo e a distância. A Gabriela, Laura e Keyse que além de enfrentarem comigo os desafios de uma graduação se fizeram presentes em momentos de alegrias e estórias que levarei por muito tempo comigo e a Lamunyel Luís, por me ajudar no desenvolvimento deste trabalho.

A todos os professores que passaram pela minha jornada até aqui, em especial a minha orientadora Verônica Macário pela forma atenciosa e singular que transmitiu seus conhecimentos.

As mulheres do Grupo Mulheres de Fé e Art's Pesca, por terem me recebido de forma simpática e aberta, viabilizando a parte prática desta pesquisa e a todos os demais que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste sonho.

“Nós podemos sempre mais do que imaginamos”.

Me. Agathe Verhelle

SILVA, Rafaelle Amado. **Possibilidades, Desafios e Transformações Sociais da Participação de Mulheres em Iniciativas de Economia Solidária no Cariri Paraibano**. 71 f. Relatório de Estágio Supervisionado (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande - PB, 2016.

Resumo

Este Relatório de Estágio Supervisionado do curso de Administração aborda as experiências das mulheres em empreendimentos de economia solidária. O objetivo proposto consiste em Identificar as possibilidades, os desafios e as transformações sociais da participação feminina em empreendimentos de economia solidária assistidos pelo projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” na cidade de Sumé – PB. Para o alcance deste objetivo, a metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e descritiva, por meio de estudo de caso, tendo como técnicas de coleta de dados a análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação não participante. Os dados foram tratados segundo as etapas de análise de conteúdo expostas por Bardin (2011). Os resultados demonstram que a participação de mulheres em empreendimentos de economia solidária traz melhorias para a vida das mesmas, possibilitando integração com outras mulheres de realidades semelhantes, melhores condições de trabalho e realização pessoal através do trabalho desempenhado, sendo também fonte de transformação social a medida em que resgata a autoestima das mulheres, auxilia na luta da igualdade de gênero e gera emancipação social. Porém, as mulheres participantes de iniciativas de economia solidária enfrentam desafios relacionados a gestão do empreendimento, infraestrutura adequada, pouco retorno financeiro e conciliação entre os afazeres domésticos e as atividades do grupo.

Palavras-Chave: Empreendimentos de Economia Solidária; Possibilidades; Desafios; Transformações Sociais.

SILVA, Rafaelle Amado. **Possibilities, Challenges and Social Transformations of Women's Participation in Solidarity Economy Initiatives in the Cariri Paraibano.** 71 f. *Supervised Internship Report (Baccalaureate in Business Administration) – Federal University of Campina Grande. Campina Grande, 2016.*

Abstract

This Supervised Internship Report from the Management program addresses the experiences of women in solidarity economy enterprises. The proposed objective consists in identifying the possibilities, the challenges and the social transformations of female participation in solidarity enterprises attended by the project "Rural Women: Autonomy and Empowering in the Cariri Paraibano" in the city of Sumé - PB. To achieve this objective, the used methodology consisted of qualitative-descriptive nature, through a case study and used as techniques for data collection the documental analysis, semi-structured interviews and the non-participant observation. The data was treated according to the stages of analysis exposed by Bardin (2011). The results show that the participation of women in solidarity economy enterprises brings improvements to their lives, which allows integration with other women in similar reality of life, better work conditions and personal realization through performed work and it is also a source of social transformation as it recovers the women's self-esteem, helps the battle for gender equality and generates social emancipation. However, women in solidarity economy enterprises face challenges that are related to enterprise management, adequate infrastructure, small financial return and conciliation between housework and the group's activity.

Key-Words: Solidarity Economy Enterprises; Possibilities; Challenges; Social Transformation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Parte das participantes atuais do grupo Mulheres de Fé.....	43
Figura 2 - Artesanatos desenvolvidos pelo grupo Mulheres de Fé.....	43
Figura 3 - Participantes atuais do grupo Art's Pesca em companhia da professora de oficina	44
Figura 4 - Artesanatos desenvolvidos pelo grupo Art's Pesca	45
Figura 5 - Possibilidades geradas em empreendimentos de economia solidária.....	47
Figura 6 - Desafios presentes em um empreendimento de economia solidária.....	50
Figura 7 - Transformações sociais na vida das mulheres participantes de empreendimentos de economia solidária.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de gestão e suas características	22
Quadro 2 - Princípios e orientações para organizações de economia solidária.....	25
Quadro 3 - Possibilidades, desafios e transformações sociais decorrentes da economia solidária	34
Quadro 4 - Apresentação dos sujeitos entrevistados	37
Quadro 5 - Possibilidades, desafios e transformações sociais encontrados na pesquisa.....	58
Quadro 6 - Comparativo entre literatura e resultados encontrados	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Forma de organização das instituições de economia solidária.....	27
Tabela 2 - Principal atividade econômica das instituições de economia solidária brasileira ...	27
Tabela 3 - Categoria dos sócios na economia solidária brasileira.....	28
Tabela 4 - Principais motivos para a criação de uma instituição de ES	28
Tabela 5 - Principais conquistas das instituições de economia solidária	29
Tabela 6 - Principais desafios das instituições de economia solidária	30
Tabela 7 - Perfil das mulheres participantes gos grupos estudados	45

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACI	Aliança Cooperativa Internacional
ES	Economia Solidária
ENAPEGS	Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social
CM8M	Centro da Mulher 08 de Março
FBES	Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FENEART	Feira Nacional de Negócios do Artesanato
ITPCS	Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares
PAA	Programa Nacional de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
SADQ	<i>Software</i> de Análise de Dados Qualitativos
SENAES	Secretária Nacional de Economia Solidária
SIES	Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Objetivos	18
1.1.1 Geral	18
1. 1. 2 Específicos	18
1.2 Justificativa	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1 Gestão social: um campo em construção	21
2.2 Economia solidária: da origem aos dias de hoje	23
2.2.1 Economia solidária no brasil	26
2.3 A mulher e a economia solidária	30
2.4 Conclusões do capítulo	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3. 1 Caracterização da pesquisa	36
3. 2 Unidades de análise e sujeitos da pesquisa	37
3.2.1 Sujeitos da Pesquisa	37
3.3 Instrumento de coleta de dados	38
3.4 Tratamento e análise dos dados	39
4 RESULTADOS	42
4.1. Caracterização dos empreendimentos estudados	42
4.1.1 Perfil das entrevistadas	45
4.2 Possibilidades provenientes da economia solidária para as mulheres	46
4.3 Desafios enfrentados pelas mulheres em empreendimentos solidários	50
4.4 Transformações sociais decorrentes da participação em empreendimentos de economia solidária.....	54
4.5 Conclusões do capítulo	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA NOS GRUPOS ART’S PESCA E MULHERES DE FÉ.....	68
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	71

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

A Gestão Social é um termo ainda em construção e que pode ser estudado por diversas áreas do conhecimento. No âmbito da Administração, a Gestão Social é vista como um modelo de gestão que se difere da privada e da pública. Isto porque, ela tem como foco organizações da sociedade civil, nas quais o fator econômico não aparece como finalidade, mas sim, como meio de atingir o objetivo de enfrentamento de demandas e transformações sociais com foco no interesse coletivo. Há cooperação entre os indivíduos participantes, diálogo aberto e participação coletiva no processo de tomada de decisão (FRANÇA FILHO, 2007; PIMENTEL, M.; PIMENTEL, T., 2010, TENÓRIO, 1998).

As dificuldades e problemas sociais provocados pela lógica mercantil, introdução de novas tecnologias nos processos de produção e as crises no sistema capitalista levaram alguns trabalhadores desempregados a se organizarem em postos de trabalhos autogeridos, apoiados por sindicatos, a fim de se reintegrarem em um novo modelo de gestão que se diferia do modelo empresarial e que tem como base o cooperativismo. Surgiu, assim, a chamada Economia Solidária (ES) (LECHAT, 2002) que se enquadra como uma forma de atuação da Gestão Social.

O objetivo da Economia Solidária é incluir pessoas que estão excluídas do mercado de trabalho, a partir da cooperação, solidariedade e processo participativo nas tomadas de decisão. As organizações que estão incluídas na economia solidária não são contra a economia de mercado, mas, incluem em sua filosofia de trabalho princípios como a ética em seus processos e práticas e divisão igualitária de riquezas para todos os envolvidos (DIAS; SOUZA, 2014).

Há entre os participantes de Economias Solidárias a vontade de combater paradigmas e preconceitos da sociedade, como questões raciais, étnicas e de gênero, através da inclusão e emancipação de indivíduos que estão à margem da sociedade ou que enfrentam dificuldades em se posicionar de forma efetiva frente a geração e produção de renda (MUNDIM; TEÓDOSIO, 2011).

As mulheres se constituem como uma das principais partes destes grupos. Elas foram durante muito tempo excluídas do mercado de trabalho tradicional e tinham seus direitos sociais comprometidos pelo pensamento patriarcal. Isto porque prevalecia a visão de que a mulher deveria ser criada para atividades domésticas, criação de filhos e cuidado com o

marido, o que gerou uma construção social e econômica na qual o trabalho da mulher não era reconhecido como agregador de valor na sociedade, em contraposição à valorização do trabalho do homem. Ressalta-se que as desigualdades do passado ainda persistem nos dias atuais, em menor escala, por vezes encobertos, mas que são sentidas fortemente pelas mulheres em determinadas organizações (GONDIM *et al.*, 2013).

Estas disparidades fazem com que as mulheres busquem um novo ambiente com novas práticas de trabalho em que hajam relações mais homogêneas quanto ao gênero. Neste contexto, a economia solidária emerge como uma possibilidade para a igualdade entre gêneros, contribuindo para o desenvolvimento pessoal das mulheres participantes (GUÉRIN, 2003). Assim, alguns dos benefícios alcançados por mulheres inseridas em organizações de economia solidária são: valorização do trabalho feminino, geração de renda, indução a independência financeira, conquistas de formulação e implantação de políticas públicas voltadas a questão de gênero e resgate de autoestima que se associam a possibilidade de emancipação feminina (GUERRA; TOLEDO, 2010; LIMA; MESSIAS, 2014; MUNDIM; TEÓDOSIO, 2011).

Em busca destes benefícios e de uma forma de ir em contramão aos valores coronelistas, patriarcais e machistas que marcam o semiárido nordestino, a Cunchã Coletivo Feminista e o Centro da Mulher 08 de março iniciou o Projeto Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano, com ações educativas a fim de contribuir para a organização política e produtiva das mulheres rurais, empoderamento, promoção de direitos e redução das desigualdades de gênero presentes nestes locais. Compreender o impacto que iniciativas como estas trazem à vida das mulheres ainda é um desafio a ser investigado, para que se possa avançar nas discussões sobre o papel da ES no que tange às questões de gênero.

A partir do que foi exposto, a questão que norteou esta pesquisa foi: Quais são as possibilidades, desafios e transformações sociais da participação feminina em empreendimentos de economia solidária assistidos pelo projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” na cidade de Sumé – PB?

1.1 Objetivos

1.1.1 Geral

Identificar as possibilidades, os desafios e as transformações sociais da participação feminina em empreendimentos de economia solidária assistidos pelo projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” na cidade de Sumé – PB.

1.1.2 Específicos

- Descrever as ações desenvolvidas pelo projeto Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano nos grupos investigados;
- Verificar as possibilidades geradas nos empreendimentos solidários investigados;
- Identificar os desafios enfrentados nos empreendimentos solidários pesquisados relacionados a participação feminina;
- Verificar as transformações sociais que ocorreram na vida das mulheres investigadas que foram decorrentes dos empreendimentos solidários dos quais fazem parte.

1.2 Justificativa

No contexto econômico atual, o sistema capitalista incentiva a competitividade e acaba por gerar exclusão social de certos grupos. Como forma de subverter essa situação, a economia solidária se apresenta como um meio de inclusão, emancipação e transformação social.

O campo da economia solidária apresenta crescente desenvolvimento e, por isso, a quantidade de estudos e pesquisas sobre este tema vem aumentando significativamente nos últimos anos. Nos últimos três Encontros Nacionais de Pesquisadores em Gestão Social (ENAPEGS) o tema ganhou tamanha proporção de estudos que foi desenvolvido um eixo temático específico para as produções que envolve cooperativismo e economia solidária.

De semelhante modo, os estudos sobre gênero no âmbito da Administração alcançam maiores proporções ao passar dos anos. Os estudos entre gênero e trabalho se apresentam como uma rica fonte para análise de desigualdades entre gêneros e da situação atual das mulheres no cenário econômico. Com essa percepção, pesquisadores têm empreendido

esforços para o estudo de ambientes de trabalho em que as mulheres consigam inclusão e emancipação social, assim as pesquisas que associam empreendimentos de economia solidária e gênero ganham visibilidade no meio acadêmico.

Deste modo, esta pesquisa se apresenta como contribuição para investigação na área de economia solidária associada às questões de gênero, apresentando informações que ajudam a compreender o impacto que iniciativas de ES, como a investigada neste estudo, trazem à vida das mulheres.

Capítulo 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão expostas as teorias que embasam esta pesquisa, tão quanto a evolução histórica dos conceitos e a identificação dos temas gestão social, economia solidária e a mulher na economia solidária.

2.1 Gestão social: um campo em construção

A Gestão Social é um termo em construção que vem ganhando visibilidade nos últimos anos, podendo ser definido como polissêmico, alternando seu significado de acordo com a área estudada (GUERRA; TEODÓSIO, 2014). Na administração, a terminologia gestão social nasce na década de 90 com os estudos de Tenório, sendo consolidado como prática, porém sem haver consenso sobre seu conceito (CANÇADO et al, 2011), o que traz problemas como a banalização do termo, que ocasiona diversas interpretações e indagações a respeito das características que distingue a gestão social dos modelos de gestão ditos tradicionais, ou seja, da gestão estratégica ou privada e da gestão pública (FRANÇA FILHO, 2007).

Segundo França Filho (2007), a gestão estratégica ou privada caracteriza-se pela organização que atua no mercado com fins econômicos e lucrativos, onde a capacidade de atingir os fins mercantis importa mais que a qualidade intrínseca das ações. Já a gestão pública é o modelo de gestão praticado em instituições públicas de Estado, que possuem seus objetivos voltados para o bem comum da sociedade, porém, utiliza-se também do poder, que é condicionado ao cenário político do momento para a administração das instituições.

O que difere a Gestão Social de tais termos é que ela caracteriza-se como o modo de gestão pelo qual as chamadas organizações de sociedade civil (organizações que não são originadas do mercado ou do Estado) são geridas. Em uma organização guiada pela gestão social, o econômico aparece como meio para atingir os fins do campo de atuação da empresa, seja social, cultural, ambiental ou outros, ou seja, a gestão social inverte as prioridades da gestão privada ou estratégica (FRANÇA FILHO, 2007). Além disso a gestão social se contrapõe a gestão estratégica porque busca um gerenciamento participativo, com diálogo aberto e processo decisório participativo entre todos os envolvidos na organização (TENÓRIO, 1998).

A fim de expressar visualmente as principais categorias de análise presentes na literatura e facilitar a comparação entre as características dos modelos de gestão tradicionais e a gestão social, Pimentel, M. e Pimentel, T. (2010) elaboraram o quadro 1 com embasamento na revisão da literatura dos principais autores sobre o tema.

Quadro 1 - Tipos de gestão e suas características

Categorias de Análise	Gestão Estratégica	Gestão Pública	Gestão Social
Objetivo	Lucro	Interesse Público	Interesse Coletivo de Caráter público
Valor	Competição	Normativo	Cooperação Intra e Inter organizacional
Racionalidade	Instrumental	Burocrática	Substantiva/comunicativa
Protagonistas	Mercado	Estado	Sociedade Civil organizada
Comunicação	Monológica, vertical, com restrição ao direito de fala	Monológica/Dialógica, vertical com algumas horizontalidades; em tese sem restrição a fala	Dialógica, com pouca ou nenhuma restrição ao direito de fala
Processo Decisório	Centralizado/top down	Centralizado com possibilidade de participação (<i>bottomup</i>)	Descentralizado, emergente e participativo/surge como construção coletiva
Operacionalização	Estratégica, com foco em indicadores financeiros	Estratégica, com focos em indicadores sociais	Social, com foco em indicadores qualitativos e quantitativos
Esfera	Privada	Pública Estatal	Pública Social (França Filho) x qualquer esfera (Tenório; Dowbor)
Autonomia e Poder	Há diferentes graus de coerção e submissão entre os atores envolvidos	Há coerção normativa entre os atores envolvidos	Não há coerção, todos têm iguais condições de participação (Tenório) x As relações de poder restringem a capacidade de cada um se posicionar no debate (Fisher et al; Godim, Fischer e Melo)

Fonte: Pimentel, M. e Pimentel, T. (2010, p. 8)

Em suma, os autores afirmam que a gestão social tem como objetivo o interesse coletivo de caráter público, porém de forma auto-realizada, isto é, não se vincula às burocracias do Estado. Os valores pregados por organizações de sociedade civil geridas por uma gestão social são de cooperação, solidariedade, reciprocidade e complementaridade visando o bem comum, tendo como protagonista a sociedade civil organizada, pois a própria é o ator social central deste modelo de gestão. O processo decisório na gestão social é descentralizado, contando com a participação, inclusão e diálogo para a construção de um consenso coletivo que pode usar de parcerias com o setor público e o privado para fonte de

práticas e conhecimentos para operacionalizar a gestão social (PIMENTEL, M., PIMENTEL, T., 2010).

Nos estudos sobre a gestão social, PIMENTEL, M. e PIMENTEL, T. (op. cit.), afirmam que há divergências quanto à esfera de atuação. É questionado se este modelo de gestão pode existir apenas em organizações de sociedade civil, ou se a gestão pode ser identificada em qualquer sistema que tenha um alto grau de participação, diálogo e deliberação em sua gestão. Além disto, envolve a autonomia e o poder em uma gestão social, pois mesmo sendo um modelo de gestão que deve haver a igualdade nas participações de decisão, haverá situações em que surgirão diferenças de interesses, nas quais serão necessárias tomadas de decisões que talvez não agradem todos os envolvidos da organização, fazendo com que o princípio de poder igualitário não se aplique na gestão social.

Uma área que utiliza os princípios da gestão social em seu modelo de gestão é o da economia solidária, que além de ser uma nova forma de economia, é uma articulação entre economias mercantil, não mercantil e não monetária e que busca novas formas de produzir e distribuir riquezas, atrelando novos princípios e práticas à economia de mercado (FRANÇA FILHO, 2001). Esta nova forma de atuação econômica é apresentada a seguir.

2.2 Economia solidária: da origem aos dias de hoje

No livro *Introdução à Economia Solidária*, Singer (2002) expõe que as primeiras ideias sobre economia solidária começaram em reação aos impactos negativos provocados pelo capitalismo industrial, como o empobrecimento dos artesãos causados pela expansão do uso das máquinas e a exploração do trabalho dos operários que causava desgaste físico e até a mortalidade dos mesmos, fazendo com que a produtividade da indústria não alcançasse maiores patamares.

O autor relata que diante destas condições, o empresário Robert Owen foi em contramão ao sistema econômico da época e decidiu investir em melhorias no bem-estar de seus funcionários, surpreendendo os demais empresários, pois esta ação gerou lucratividade para sua indústria. Mais à frente, após a Revolução Francesa, Owen inovou novamente, apresentando proposta para reinserção dos trabalhadores desempregados na produção da indústria bélica, alegando que esta atitude geraria consumo e aumento de mercado.

Segundo Singer (op. cit.), Owen queria ir ainda mais além, tentando desenvolver aldeias cooperativas para que os pobres não ficassem ociosos e pudessem produzir sua própria subsistência, fazendo com que estes se reinserissem na economia. Porém, todo este projeto não foi visto com bons olhos pelo governo vigente, que acreditava que tal mudança afetaria o capitalismo, fazendo com que Owen se desiludisse com os seus planos.

Singer (2002) enfatiza que apesar da desilusão de Owen frente a seus projetos, seus ideais levaram pessoas como Charles Fourier e a Saint-Simon a fundamentarem o que chamamos de socialismo utópico, no qual o cooperativismo é visto como forma de reação ao desemprego e às condições de vida e de trabalho dos operários e como modo de produção alternativa ao capitalismo. Essas ideias fizeram com que o cooperativismo fosse a base histórica da economia solidária (RAMOS, 2011; SINGER, 2002).

Novas experiências ligadas ao cooperativismo foram surgindo, como exemplo a Sociedade dos Pioneiros Equitativos de Rochdale, em 1844, que gerou princípios norteadores para as instituições desse tipo. Estes princípios foram atualizados em 1995 pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), a saber: a adesão voluntária e aberta; controle democrático por parte dos membros; participação econômica dos associados; autonomia e independência; educação, capacitação e informação; cooperação entre as cooperativas e interesse pela comunidade (GONDIM et al, 2013; SINGER, 2002).

Entretanto, conforme afirmam Gondim et al (2013), no decorrer do tempo as cooperativas começaram a deturpar os princípios originais do cooperativismo, adquirindo práticas e técnicas oriundas da gestão privada. Apesar disto, as mesmas continuam a surgir por dois motivos principais: 1) a sociedade civil busca uma forma de organização socioeconômica que desvia-se da organização privada e da pública; 2) os trabalhadores desempregados buscam associações autogeridas como forma de reinserção no mercado.

França Filho (2001, p. 2) ressalta que, enquanto conceito, o termo economia solidária surge dos trabalhos de Jean Louis Laville e Bernard Eme, na França, onde os autores tentaram suprir “a emergência e desenvolvimento do fenômeno de iniciativas e práticas socioeconômicas que visavam responder problemáticas locais específicas de exclusão social através das chamadas novas formas de solidariedade”, propondo novos tipos de serviços chamados de “serviços solidários” ou “serviços de proximidade”.

A partir destes serviços solidários, emergiram iniciativas locais baseadas em um novo caráter quanto ao seu funcionamento e sua finalidade, denominadas de economia solidária, no

qual as atividades econômicas estão voltadas para fins sociais, seja de geração de emprego, de reforço de coesão social ou sendo um local onde contempla não só aspectos materiais mas também o acesso igualitário à justiça e ao comércio, servindo também como um ambiente onde os indivíduos participantes podem se abrigar das repressões políticas e sociais, da violência física e psíquica e de outras fontes de sofrimento (FRANÇA FILHO, 2001; SILVA, 2011).

França Filho (2001) afirma que existem dois traços característicos que melhor expressam a especificidade das organizações de economia solidária, estes são: a) a hibridação das economias não mercantil (há subsídios e financiamentos públicos), mercantil (existe venda de produto ou prestação de serviço a particulares) e não monetária (contam com trabalho voluntário) que gera recursos que permitem a perenidade dos projetos criados pela organização e faz com que a economia solidária seja interpretada como uma economia plural onde há experiências na esfera econômica, social e política. b) a construção conjunta da oferta e da demanda, cujos serviços são propostos e concebidos em função das necessidades sociais locais.

Segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária/Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE), os empreendimentos de economia solidária buscam uma economia voltada para o desenvolvimento da população participante, a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos. Esses empreendimentos podem ser cooperativas, associações ou grupos não formalizados, onde há formas de produção e riqueza diferenciada das demais economias enquanto suas ações e práticas (COSTA; CARRION, 2009).

Os princípios e orientações da Economia Solidária são apresentados no quadro 2:

Quadro 2 - Princípios e orientações para organizações de economia solidária

PRINCÍPIOS	ORIENTAÇÃO
Cooperação	Existência de interesses e objetivos comuns a fim de trazer resultados positivos para todos os envolvidos.
Autogestão	Todos os participantes, de forma democrática, têm voz ativa em todas as decisões da organização.
Solidariedade	Deve existir em todas as dimensões da organização
Valorização da diversidade	Não deve haver discriminação em relação a crença, gênero, raça ou orientação sexual.
Emancipação	A organização de economia solidária deve proporcionar algum tipo de emancipação para os indivíduos participantes.

Continua...

...Continuação

Justiça social	Deve-se haver a justa distribuição dos ganhos obtidos pela organização, eliminando qualquer tipo de desigualdade material para seus membros.
Ação econômica	A fim de servir de base para a agregação de esforços e recursos pessoais na criação de uma organização de economia solidária.

Fonte: Elaborado pela a autora a partir de SENAES (2006)

Estes princípios são importantes para a implantação de empreendimentos de economia solidária, uma vez que servem como orientação para as suas ações e os ajudam a cumprir suas finalidades. Os empreendimentos de economia solidária aparecem, em grande número, como iniciativas que promovem geração de empregos e fonte de renda. Mais detalhes sobre a economia solidária no Brasil serão apresentados no tópico a seguir.

2.2.1 Economia solidária no brasil

A economia solidária surgiu no Brasil no início do século XX, a partir de cooperativas formadas inicialmente por emigrantes europeus, ressurgindo fortemente a partir de movimentos sociais, em meados das décadas de 80 e 90, em reação ao desemprego em massa e exclusão social provocados pela desindustrialização da época e a abertura do mercado interno às importações (SINGER, 2002).

Os empreendimentos brasileiros de economia solidária recebem estímulos e apoio de instituições como as Universidades em Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPS), e órgãos como a Secretaria Nacional de economia solidária (SENAES) e o Fórum Brasileiro de economia solidária (FBES), estes por sua vez, também são voltados a garantir articulação entre três segmentos do movimento de economia solidária: empreendimentos solidários, entidades de assessoria e fomento e gestores públicos (MORAIS et al, 2011).

Silva (2011) destaca que uma instituição que pode ser considerada como berço e inspiração do movimento da economia solidária brasileira é o Banco Palmas, situado em Fortaleza (Ceará). Em 1998, a associação de moradores do local se articulou para a implementação de um banco comunitário como ferramenta para a geração de trabalho e renda e promoção de empreendimentos organizados segundo princípios solidários. Para o autor, hoje, o Banco Palmas é uma das experiências de Economia Solidária mais importante e emancipadora do Brasil e do mundo, pois é pioneiro na emissão de moeda social e

fornecimento de microcrédito para a população de baixa renda, sendo fonte de crédito para o consumo e para a produção local, tendo juros baixos – quase nulos – e nenhuma burocracia para a população mais pobre. Mas, acima de tudo, o Banco Palmas se diferencia por se propor a ser uma instituição financeira de grande porte sem dono e sem fins lucrativos onde toda a comunidade do Conjunto Palmeira pode decidir sobre seu funcionamento e seu destino em assembleias e reuniões abertas a todos os moradores (SILVA, 2011).

Segundo o Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES), no último Mapeamento Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários, ocorrido entre 2010 a 2013, existem 19.708 instituições de economia solidária no Brasil, dos quais 68,82% estão organizadas como associações ou cooperativas e 30,54% como grupos informais, como é mostrado na tabela 1. De acordo com Gondim *et al* (2013), esta situação ocorre pela falta de um marco jurídico específico para organizações do campo da economia solidária.

Tabela 1 - Forma de organização das instituições de economia solidária

Formas de Organização	Total	%
Associação	11.823	59,99%
Grupo Informal	6.018	30,54%
Cooperativa	1.740	8,83%
Sociedade mercantil	127	0,64%
Total	19.708	100,00%

Fonte: Banco de dados do SIES (2013)

Cerca de 70% dos empreendimentos solidários mapeados têm como atividade econômica principal a produção e comercialização de itens (tabela 2), os quais são, em sua maioria, produzidos pelos próprios participantes da organização de economia solidária.

Tabela 2 - Principal atividade econômica das instituições de economia solidária brasileira

Atividade Econômica	Total	%
Produção ou produção e comercialização	11.081	56,23%
Consumo, uso coletivo de bens e serviços pelos sócios	3.945	20,02%
Comercialização ou organização da comercialização	2.628	13,33%
Prestação do serviço ou trabalho a terceiros	1.296	6,58%
Troca de produtos ou serviços	430	2,18%
Poupança, crédito ou finanças solidárias	328	1,66%
Total	19.708	100,00%

Fonte: Banco de dados do SIES (2013)

A pesquisa mostra também que as instituições de economia solidária no Brasil estão predominantemente no setor primário da economia, situados no meio rural, a saber: assentamentos de reforma agrária, na agricultura familiar, nas atividades extrativistas tradicionais de pesca, apicultura, entre outros. Há também forte presença no artesanato, porém uma pequena participação na indústria, como pode ser visto na tabela 3.

Tabela 3 - Categoria dos sócios na economia solidária brasileira

Categorias	Total	%
Agricultores familiares	10.899	55,30%
Artesãos	3.534	17,93%
Outros trabalhadores autônomos / por conta própria	1.261	6,40%
Não se aplica ou não há predominância	1.259	6,39%
Assentados da reforma agrária	1.033	5,24%
Desempregados (desocupados)	677	3,44%
Catadores de material reciclável	606	3,07%
Artistas	225	1,14%
Garimpeiros ou mineiros	20	0,10%
Técnicos, profissionais de nível superior	194	0,98%
Total	19.708	100%

Fonte: Banco de dados do SIES (2013)

As principais motivações de criação de empreendimentos de economia solidária no Brasil, segundo o SIES (2013) são: a complementação de renda para os participantes, a utilização da ES como uma alternativa ao desemprego e a obtenção de maiores ganhos e desenvolvimento de uma atividade onde todos são donos, como pode ser observado na tabela 4. Estes principais motivos corroboram com as afirmativas de França Filho (2001) e Singer (2002), citados anteriormente neste trabalho.

Tabela 4 - Principais motivos para a criação de uma instituição de ES

Motivo	Total	%
Uma fonte complementar de renda para os (as) associados (as)	9.624	48,83%
Alternativa ao desemprego	9.106	46,20%
Obtenção de maiores ganhos em um empreendimento associativo	8.471	42,98%
Desenvolvimento de uma atividade onde todos (as) são donos (as)	8.024	40,71%
Desenvolvimento comunitário de capacidades e potencialidades	5.646	28,65%
Condição exigida para ter acesso a financiamentos e outros apoios	4.130	20,96%
Motivação social, filantrópica ou religiosa	3.801	19,29%

Continua...

...Continuação

Alternativa organizativa e de qualificação	3.160	16,03%
Incentivo de política pública (governo)	3.113	15,80%
Possibilidade de atuação profissional em atividade econômica específica	2.828	14,35%
Fortalecimento de grupo étnico	1.912	9,70%
Outro	1.890	9,59%
Produção ou comercialização de produtos orgânicos ou ecológicos	1.607	8,15%
Organização econômica de beneficiários de políticas públicas	1.510	7,66%
Recuperação de empresa privada que faliu ou em processo falimentar	601	3,05%

Fonte: Banco de dados do SIES (2013).

As principais conquistas mencionadas pelos participantes de empreendimentos de economia solidária são mostradas na tabela 5. A integração com o grupo, a geração de renda e o exercício da democracia se destacaram entre as demais. Esses dados mostram que a maioria dos integrantes de um empreendimento de ES sente-se mais realizada com a possibilidade de estar em grupo dividindo experiências, buscando soluções e podendo interagir com pessoas que têm as mesmas necessidades do que a própria geração de renda para os mesmos (SIES, 2013).

Tabela 5 - Principais conquistas das instituições de economia solidária

Conquista	Total	%
A integração do grupo/coletivo	13.025	23,67%
A geração de renda ou obtenção de maiores ganhos para os (as) sócios (as)	11.618	21,12%
A autogestão e o exercício da democracia	9.651	17,54%
Conquistas para a comunidade local (moradia, escola, infraestrutura, etc.)	7.411	13,47%
O comprometimento social dos (as) sócios (as)	7.372	13,40%
A conscientização e compromisso político (com emancipação dos trabalhadores ou outras lutas mais gerais)	3.510	6,38%
Outra	2.432	4,42%

Fonte: Banco de dados do SIES (2013).

A pesquisa mostrou também que existem alguns desafios a serem superados, principalmente no que se refere à geração de renda adequada aos sócios. Isto porque, como foi visto anteriormente, a maioria dos empreendimentos solidários está situada na zona rural e voltada às atividades de agricultura familiar, o que pode dificultar a geração de lucros com as vendas dos produtos, devido aos custos para que os cultivos cheguem ao comprador final. Outro desafio expressivo é o de viabilização econômica do empreendimento, pois existe alta burocracia dos agentes financeiros e não há uma política de crédito específica para as instituições deste tipo de economia. A lista completa dos desafios enfrentados pelas

instituições de economia solidária está apresentada na tabela 6 apresentada a seguir (SIES, 2013).

Tabela 6 - Principais desafios das instituições de economia solidária

Desafios	Total	%
Gerar renda adequada aos (às) sócios (as)	14.503	17,99%
Viabilizar economicamente o empreendimento	13.108	16,26%
Manter a união do grupo/coletivo	11.048	13,71%
Efetivar a participação e a autogestão	8.611	10,68%
Promover a articulação com outros empreendimentos e com o movimento de economia solidária	8.457	10,49%
Garantir proteção social (previdência, assistência e saúde) para os (as) sócios (as)	7.755	9,62%
Alcançar maior conscientização ambiental dos (as) sócios (as)	7.294	9,05%
Alcançar a conscientização e a politização dos (as) sócios (as)	6.714	8,33%
Outro	3.105	3,85%

Fonte: Banco de dados do SIES (2013).

Apesar destes desafios que são enfrentados pelos empreendimentos de economia solidária no Brasil, o movimento ganha a cada dia mais força no mercado, sendo uma alternativa contra o desemprego, fonte de geração de renda, possibilidade de inclusão social e integração entre pessoas da mesma localidade onde existe a solidariedade, igualdade e democracia.

As mulheres desempenham um importante papel em empreendimentos de economia solidária, pois estes podem transformar a participação das mesmas na sociedade, assim como a identidade a elas relacionada (CULTI, 2004). Segundo o SIES (2013), ao final de 2013, as mulheres já eram 43,57% do total de participantes de instituições de ES, sendo que 6,05% destas mulheres ocupavam cargos de coordenação ou direção no empreendimento.

A relação entre o gênero feminino e a economia solidária é discutida a seguir.

2.3 A mulher e a economia solidária

Durante toda a história, a sociedade, de pensamento patriarcal, incumbiu as responsabilidades domésticas e familiares às mulheres e a responsabilidade de provisão financeira e econômica da família aos homens. As desigualdades entre homens e mulheres fizeram com que organizações femininas dessem início a lutas que evidenciassem a condição da mulher na sociedade (MOMO, 2013).

No Brasil, a partir da década de 70, as mulheres começam a se engajar nas lutas políticas e sociais, lutando por seus direitos e conseguindo sua inserção no mercado de trabalho. Porém, conforme afirmam Peixoto et al (2008, p. 1), “essa inserção ocorreu em condições desiguais de tratamento, de tempo, de mobilidade, de espaço e de remuneração em relação aos homens”, o que resultou em “empregos mais precarizados, salários mais baixos, menor cobertura dos serviços de seguridade social e dificuldades de acesso aos direitos trabalhistas” além de poucas possibilidades de promoção e carreira (RAMOS, 2011).

Atualmente, ainda existe uma grande parte de mulheres brasileiras que, segundo Ramos (2011, p. 6), atuam em “trabalhos atípicos (trabalho temporário, trabalho parcial, trabalho em domicílio e trabalho informal)”, tendo funções de menor qualificação e assumindo posição hierárquica inferior à dos homens. Além disso as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidado com os filhos, gerando assim sobrecarga para a trabalhadora. Essas situações levam as mulheres a terem recursos apenas para a sobrevivência, não tendo, por muitas vezes, como arcar momentos de socialização, o que pode gerar, exclusão social e até doenças como a depressão (RAMOS, 2011).

Como forma de subverter as situações de desemprego e exclusão social no Brasil, tem crescido o número de empreendimentos de economia solidária que são constituídos e destinados a geração de trabalho e renda às mulheres. Esses empreendimentos apresentam-se como um meio de aliviar o cotidiano, resgatando a autoestima das mulheres participantes, sendo também uma forma de sanar as suas necessidades e um local onde há alívio de obrigações, pois existe a integração e compartilhamento de experiências e valores com as demais mulheres (GUÉRIN, 2005; MUNDIM, 2010; RAMOS, 2011).

Guérin (2005) observa que os empreendimentos de economia solidária podem ajudar a quebrar barreiras em relação a pobreza, pois existe a geração de renda, a inadequação das instituições e a desigualdade das obrigações familiares. Esses empreendimentos desempenham um papel de justiça de proximidade, possibilitam discussões e reflexões que permitem as mulheres envolvidas a participarem da transformação das instituições e contribuem para tornar possível as lutas contra as desigualdades intrafamiliares, possibilitando maior conciliação entre a vida familiar e profissional.

Por serem iniciativas que prezam a solidariedade e cooperação entre seus membros e o processo de organização ser baseado em relações de confiança e de reciprocidade, as

mulheres envolvidas na economia solidária conseguem dialogar, decidir, elaborar e colocar em prática projetos adequados a seus contextos. Isto faz com que essas experiências, mesmo que não sejam capazes de resolver todas as suas dificuldades, superem algumas delas, como por exemplo a superação das diferenças de gênero e rompimento da divisão sexual do trabalho, reconhecimento e maior visibilidade pelas atividades desempenhadas, a possibilidade de emancipação social, conquista de independência financeira e autonomia pessoal, além de acesso a direitos até então inalcançáveis (CULTI, 2004; GUÉRIN, 2005; MESSIAS; LIMA, 2014; MUNDIM; 2010).

De acordo com dados do Mapeamento Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários (2013) as mulheres ocupam aproximadamente 44% do total de participantes de empreendimentos solidários. Conforme afirma Peixoto *et al* (2008, p. 10), essas mulheres “têm tido a oportunidade de redesenhar-se como agentes, de mostrar seu potencial propositivo na economia e de posicionar-se contra uma série de estigmas sobre o perfil da mulher que trabalha”. Cerca de 6% das mulheres que participam de uma organização de economia solidária se posicionam como coordenadoras ou diretoras do empreendimento. Estes cargos de liderança geram reconhecimento e visibilidade às atividades das mulheres além de (des)construir a ideia assimilada socialmente da superioridade masculina nas atividades laborais geradoras de renda (CULTI, 2004).

A atuação das mulheres na economia solidária visa também a geração de renda que possibilita que as mulheres tornem-se proprietárias de meios de produção tendo as mesmas chances dos homens a respeito da propriedade coletiva (CULTI, 2004). Além disto, a renda obtida nos empreendimentos, mesmo que pouca, faz com que as mulheres sintam-se mais independentes e tenham a afirmação que são trabalhadoras (MUNDIM, 2010). Os dados do Mapeamento Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários (2013) revelam que 36,6% da renda gerada pelas mulheres brasileiras a partir de empreendimentos de economia solidária serve de complemento e corresponde à menor parte para a renda familiar, porém 31,45% da renda obtida por essas mulheres é a maior ou única fonte de renda familiar, isso ocorre, em sua maioria, quando a mulher é a chefe da família.

Apesar das mulheres terem a possibilidade de obter vários benefícios a partir da participação em um empreendimento de economia solidária, as mesmas enfrentam desafios em seu cotidiano de trabalho. A falta de recursos e infraestrutura, a falta de leis específicas e o alto déficit de qualificação e capacitação de pessoas resultam em precariedade e instabilidade dos empreendimentos de economia solidária, além de limites técnicos para a gestão do

empreendimento (RAMOS, 2011; MUNDIM, 2010). A falta de redes de relações entre os empreendimentos de economia solidária é vista também como um desafio, visto que as mesmas poderiam beneficiar a compra de insumos para os empreendimentos, assim como possibilitar o compartilhamento de saberes e experiências entre os mesmos (MUNDIM, 2010).

Essas informações e dados mostram que a economia solidária, apesar dos desafios, pode trazer os benefícios à vida de uma mulher tornando este campo de estudo tão valioso.

2.4 Conclusões do capítulo

Após a exposição do embasamento teórico sobre a Gestão Social, Economia Solidária e como a mulher consegue se engajar em empreendimentos solidários, pode-se concluir que as organizações de sociedade civil que utilizam a Gestão Social como modelo de gestão buscam um gerenciamento participativo onde todos os envolvidos da organização participam das tomadas de decisão e que tem como valores a cooperação, solidariedade, reciprocidade e complementaridade.

Os princípios da gestão social estão presentes em empreendimentos de economia solidária, nos quais as atividades econômicas dos mesmos estão voltadas para fins sociais. Duas características presentes em empreendimentos de economia solidária são: 1) a hibridação das economias não mercantil, mercantil e monetária e 2) a construção conjunta da oferta e da demanda.

A economia solidária pode transformar a identidade das mulheres na sociedade, sendo uma forma efetiva de emancipação feminina. Isto porque, os empreendimentos de economia solidária são iniciativas que proporcionam às mulheres engajadas várias possibilidades de melhoria de vida e transformação social. Porém, nestes empreendimentos, ainda há desafios a serem superados.

O quadro 3 apresenta uma síntese das possibilidades, desafios e transformações sociais identificados na literatura revisada neste estudo e que podem ser decorrentes da participação das mulheres em um empreendimento de economia solidária.

Quadro 3 - Possibilidades, desafios e transformações sociais decorrentes da economia solidária

DIMENSÕES	VARIÁVEIS	PRINCIPAIS AUTORES
Possibilidades	Conquista de independência financeira	Mundim (2010), Messias e Lima (2014), Guérin (2005).
	Integração e compartilhamento de experiências e valores	Ramos (2011), Culti (2004), Guérin (2005).
Desafios	Dificuldade de gestão	Mundim (2010), Ramos (2011).
	Dificuldade na comercialização dos produtos	Mundim (2010), Ramos (2011).
	Pouco acesso a recursos financeiros, falta de política de créditos específica aos empreendimentos e falta de subsídio governamental	Peixoto et al (2008), Culti (2004).
	Falta de conhecimentos tecnológicos	Mundim (2010).
	Falta de rede de relacionamentos para troca de experiências e conhecimentos	Mundim (2010), Ramos (2011).
	Falta de rendimento justo pelos trabalhos desempenhados	Ramos (2011), Guérin (2005).
Transformações Sociais	Emancipação social	Mundim (2010), Messias e Lima (2014), Peixoto et al (2008), Guérin (2005).
	Autonomia	Mundim (2010), Ramos (2011), Culti (2004), Guérin (2005).
	Resgate de autoestima	Ramos (2011), Guérin (2005).
	Maior reconhecimento e visibilidade dos trabalhos	Mundim (2010), Culti (2004), Ramos (2011), Peixoto et al (2008), Guérin (2005).
	Geração de renda	Ramos (2011), Culti (2004), Guérin (2005).
	Superação de diferenças de gênero e desigualdades intrafamiliares	Mundim (2010), Messias e Lima (2014), Culti (2004), Guérin (2005).

Fonte: Elaborado a partir da revisão teórica (2016)

Este quadro serviu de base teórica para a realização do estudo prático desta pesquisa, que será apresentado no capítulo 4.

A seguir apresenta-se os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

Capítulo 3

PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa, a saber: caracterização da pesquisa, unidades de análise e sujeitos da pesquisa, instrumento de coleta de dados e tratamento e análise dos dados.

3.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo teve como objetivo Identificar as possibilidades, os desafios e as transformações sociais da participação feminina em empreendimentos de economia solidária assistidos pelo projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” na cidade de Sumé – PB.

Para o alcance deste objetivo, a metodologia utilizada constituiu-se de uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva que, segundo Godoy (1995, p. 6) tem “o ambiente natural como fonte direta dos dados” e que a preocupação da pesquisa não é com representatividade numérica, mas sim com a compreensão de um grupo social (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), buscando “a exposição de aspectos da realidade que não podem ser quantificados” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Desta forma, os estudos qualitativos permitem a descrição da complexidade de um problema, a interação entre variáveis, a compreensão e classificação os processos dinâmicos vividos por grupos sociais e a interpretação, em maior grau de profundidade, das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (DIEHL, 2004; SOARES, 2003).

Quanto aos procedimentos de pesquisa foi feito estudo de caso. O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais (GIL, 2010) e, conforme expõe Gil (2010, p. 37) “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Uma pesquisa feita através de um estudo de caso visa conhecer o como e o porquê de um fenômeno ou situação, buscando as maiores características e a maior essência dos mesmos dentro de seu contexto real (FONSECA, 2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009; GIL, 2010).

A seguir, são apresentados as unidades de análise e os sujeitos desta pesquisa.

3. 2 Unidades de análise e sujeitos da pesquisa

Os casos escolhidos foram os empreendimentos solidários Mulheres de Fé e Art's Pesca, da cidade de Sumé – PB, que foram assistidos pelo projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano”, sendo este um projeto desenvolvido pela Cunhã Coletivo Feminino, Centro Da Mulher 8 de março e Projeto Dom Helder Câmara e que tem apoio da União Europeia e da Fundação Banco do Brasil.

Os grupos Mulheres de Fé e Art's Pesca são empreendimentos de economia solidária formados exclusivamente por mulheres, que atuam com a produção e comercialização de artesanatos feitos de fuxico e escamas de peixe. Estas mulheres afirmam ter conseguido melhorias nos aspectos sociais, econômicos e familiares após a entrada nos empreendimentos citados, o que se coaduna com o objetivo desta pesquisa.

Quanto às respondentes desta pesquisa, buscou-se entrevistar todas as participantes ativas de ambos empreendimentos investigados, acreditando que, por serem empreendimentos formados por um número pequeno de participantes, cada resposta seria essencial para alcançar resultados confiáveis para esta pesquisa. Para isto, entrou-se em contato com as participantes responsáveis pelo grupo, através do contato disponível no site da Cunhã Coletivo Feminino e foi marcado os dias para a visita da pesquisadora aos empreendimentos e realização das entrevistas.

3.2.1 Sujeitos da Pesquisa

O quadro 4 apresenta informações sobre os sujeitos desta pesquisa, o código das entrevistadas (remetendo aos grupos que fazem parte), o empreendimento de economia solidária do qual faz parte, o tempo que está no grupo, a data da realização da entrevista e a duração de cada entrevista.

Quadro 4 - Apresentação dos sujeitos entrevistados

CÓDIGO DAS ENTREVISTADAS	EMPREENDIMENTO QUE PARTICIPA	TEMPO QUE ESTÁ NO GRUPO	DATA DE ENTREVISTA	DURAÇÃO DA ENTREVISTA
E01_MF	Mulheres de Fé	7 anos	01/04/2016	8 minutos
E02_MF	Mulheres de Fé	7 anos	01/04/2016	7 minutos

Continua...

...Continuação

E03_MF	Mulheres de Fé	7 anos	01/04/2016	6 minutos
E04_MF	Mulheres de Fé	7 anos	01/04/2016	21 minutos
E05_MF	Mulheres de Fé	7 anos	01/04/2016	8 minutos
E01_AP	Art's Pesca	7 anos	02/04/2016	19 minutos
E02_AP	Art's Pesca	7 anos	02/04/2016	27 minutos
E03_AP	Art's Pesca	2 anos	02/04/2016	18 minutos
E04_AP	Art's Pesca	7 anos	02/04/2016	22 minutos
E05_AP	Art's Pesca	4 anos	02/04/2016	25 minutos

Fonte: Elaboração própria (2016)

A seguir, apresentam-se as informações sobre o processo de coleta de dados utilizado nesta pesquisa.

3.3 Instrumento de coleta de dados

Para garantir a profundidade necessária ao estudo e conferir maior credibilidade aos resultados, os estudos de caso requerem a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados. (GIL, 2010)

A coleta de dados desta pesquisa foi feita mediante a utilização das seguintes técnicas: 1) pesquisa documental que permite a obtenção de dados e informações sobre os empreendimentos solidários que foram visitados e auxiliaram na elaboração do roteiro para a entrevista; 2) realizações de entrevistas semi-estruturadas que permitem flexibilidade nas questões já roteirizadas, possibilitando ao pesquisador se aprofundar em alguma questão ou acrescentar mais questões e ao entrevistado que fale livremente sobre os assuntos que surgirem (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; MUNDIM, 2010); e 3) observação não-participante durante as visitas feitas aos empreendimentos.

A pesquisa documental para esta pesquisa foi feita no site do SIES (Sistema de Informação em Economia Solidária) e nos sites das organizações que apoiam e executam o projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano”, a saber: site da Cunhã Coletivo Feminino, Fundação Banco do Brasil e Projeto Dom Helder Câmara. Os documentos disponíveis nos sites possuem autenticidade e credibilidade.

Quanto a entrevistas semi-estruturadas, foi feito um roteiro de entrevista que se encontra no apêndice A deste trabalho. Neste roteiro, buscou-se atentar para perguntas que fossem “controladas pela teoria” (FLICK, 2009, p. 149). Para aplicação das entrevistas foram feitas visitas de campo, o que possibilitou a pesquisadora a observar os trabalhos

desempenhados pelas mulheres entrevistadas e as relações interpessoais das mesmas. No tocante, a observação se classifica como não-participante, no qual a pesquisadora teve acesso ao campo de atuação dos empreendimentos investigados, porém não entrevistou, afim de evitar influência no mesmo (FLICK, 2009).

As entrevistas foram feitas presencialmente e foi explicado no início de cada entrevista o objetivo da pesquisa e a garantia de anonimato às entrevistadas. Foi pedido para que todas as entrevistadas lessem e assinassem o termo de livre consentimento disponível no apêndice B desta pesquisa.

Por fim, na próxima subseção descreve-se a forma de tratamento e análise de dados utilizados nesta pesquisa.

3.4 Tratamento e análise dos dados

Os dados desta pesquisa foram analisados de forma a extrair sentido dos mesmos com base nos discursos das entrevistadas. O propósito foi compreender as possibilidades, desafios e transformações sociais percebidas pelas mulheres entrevistadas com a sua participação nos referidos empreendimentos de economia solidária.

O tratamento de dados desta pesquisa foi feito a partir da análise de conteúdo que, segundo BAUER (2008, p. 191), se apresenta como “uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada” e permite “ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados” (GRZYBOVSKI; MOZZATO, 2011, p. 734).

Há na análise de conteúdo várias etapas para a obtenção da significação dos dados. Nesta pesquisa utilizou-se as etapas adotadas por Bardin (2011). O autor organiza a análise de conteúdo em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na fase de pré-análise organiza-se o material a ser analisado de forma que sistematize o *corpus* da pesquisa (BARDIN, 2011).

A exploração do material constitui-se como a segunda fase, no qual há definições de categorias (sistema de codificação), identificação de unidades de registros (unidades a

codificar que podem ser um tema, uma frase ou até mesmo uma palavra), seleção de regras de contagem (determina a significância das unidades de registros) e escolha de categorias (classificação e agregação que permite um número significativo de informações sobre os elementos) (BARDIN, 2011).

Para esta pesquisa, os dados encontrados foram classificados em: a) dimensões, que diz respeito as possibilidades, desafios e transformações sociais encontrados nos empreendimentos de economia solidária investigados; b) categorias de análise que referem-se a cada dimensão estudada e que se correlacionam com as variáveis levantadas no referencial teórico e c) indicadores que são a base prática para as categorias de análise (BARDIN, 2011).

A última fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos mesmos. Nesta fase há análise reflexiva e crítica, buscou-se retornar ao referencial teórico a fim de embasar a interpretação a partir das análises feitas (BARDIN, 2011).

Para a gravação das entrevistas utilizou-se um aplicativo de gravação de voz e para a reprodução e transcrição das mesmas utilizou-se o programa *Express Scribe Transcription* que permite a reprodução do áudio de acordo com a velocidade requerida pelo pesquisador e o manuseio das funções de forma simplificada.

Para a análise das entrevistas foi utilizado um *software* de análise de dados qualitativo (SADQ) que traz benefícios no processo de análises de dados qualitativos, a saber: eficiência e velocidade para armazenar, manusear, controlar, buscar e expor dados ou códigos relacionados com os dados, aumento da qualidade e validade da pesquisa qualitativa e facilidades para rerepresentação de segmentos do texto que tenham relações entre si (CRESWELL, 2010; FLICK, 2009; GIBBS, 2009; KELLE, 2008).

O SADQ escolhido nesta pesquisa foi o Atlas.ti que é um programa que permite ao pesquisador organizar arquivos de textos e elementos visuais em um único projeto, estruturando os resultados em redes semânticas conceituais (CORREIA, 2015; CRESWELL, 2010; FLICK, 2009), possibilitando enriquecimento à apresentação dos resultados desta pesquisa.

No próximo capítulo, são discutidos os resultados desta pesquisa.

Capítulo 4

RESULTADOS

4 RESULTADOS

Nesta seção os resultados encontrados a partir da pesquisa de campo são apresentados e discutidos. Inicialmente foi feita uma caracterização dos empreendimentos estudados e uma apresentação dos perfis das entrevistadas. Nas subseções posteriores analisam-se os dados obtidos, agrupando estes em possibilidades, desafios ou transformações sociais decorrentes da participação das mulheres investigadas em empreendimentos de economia solidária.

4.1 Caracterização dos empreendimentos estudados

Segundo o site da Fundação Banco do Brasil, em 2002, a Cunhã Coletivo Feminista e o Centro da Mulher 08 de março (CM8M) foram convidadas pelo Projeto Dom Helder Câmara a atuar junto às mulheres participantes de empreendimentos solidários a fim de contribuir na sua organização política e produtiva, empoderamento e autonomia social e financeira, promoção de seus direitos, enfrentamento à pobreza e redução das desigualdades de gênero. Assim, nasceu então o projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano”. As principais atividades desempenhadas até o momento pelo projeto foram de: capacitações, visitas aos grupos, articulação política; seminários; produção de materiais sobre direitos de mulheres, sistematização, diagnósticos e pesquisas, publicações. Através do projeto, as mulheres participantes dos empreendimentos solidários conquistaram a participação em salões de artesanato em Campina Grande - PB e João Pessoa - PB, e a oportunidade de expor seus produtos na Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEART), em Pernambuco; além da inclusão das mulheres que trabalham com horticultura e pesca em programas de compras diretas de alimentos como o Programa Nacional de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

O projeto atua no Cariri paraibano atendendo empreendimentos solidários das cidades de Monteiro, Camalaú, São João do Tigre, Congo, São Sebastião do Umbuzeiro, Prata e Sumé. Em Sumé, o projeto atuou em dois grupos: Mulheres de Fé e Art's Pesca.

As mulheres do grupo Mulheres de Fé iniciaram suas atividades em 2009, através de um convite feito por uma professora às mães dos alunos da escola da região para a participação de curso de artesanato. Através deste curso, cerca de 14 mulheres do sítio Pitombeira puderam se conhecer melhor e tiveram a ideia de montar um grupo para a

produção de artesanatos com o fuxico. O fuxico é um trabalho feito com retalhos de tecido que podem ser aplicados em artigos de moda, decoração e itens de utilidade para a casa.

As mulheres do grupo Mulheres de fé foram atendidas pelo projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” que incentivou as participantes a desenvolverem as atividades de artesanato, oferecendo apoio, oficinas e fornecimento de material para as mesmas. Atualmente o grupo é formado por 5 mulheres que confeccionam com os fuxicos, almofadas, passadeiras, blusas, bijuterias, chaveiros e outros artigos de artesanatos, que são comercializados em feiras da cidade de Sumé - PB. As figuras abaixo ilustram as participantes do projeto Mulheres de Fé e os produtos que elas confeccionam.

Figura 1- Parte das participantes atuais do grupo Mulheres de Fé



Fonte: foto retirada pela autora (2016)

Figura 2 - Artesanatos desenvolvidos pelo grupo Mulheres de Fé



Fonte: fotos retiradas pela autora (2016)

Já as mulheres do grupo Art's Pesca iniciaram em 2009 suas atividades de beneficiamento de peixe. Uma mulher de pescador percebeu que a procura do peixe que o marido pescava (traíra) já não era a mesma de antes e que já não dava mais lucro pois o preço de comercialização era baixíssimo como afirma a entrevistada E02_AP:

“a traíra aqui as pessoas não dão muita importância não, pescador que já ta enjoado de comer peixe [...] a maioria dos moradores são pescadores e já tem peixe melhor em casa então eles vão falar pô eu vou comer traíra? Eu vou comer é filé de tilápia [...] teve tempo da gente vender traíra aqui a dois reais e ninguém querer” (E02_AP).

Como alternativa a essas dificuldades da pesca, a participante viu no beneficiamento e desfiamento do peixe uma forma de aumentar a renda e inovar o produto que ela já possuía. Assim levou a ideia às mulheres de pescadores que moravam na mesma região e decidiram iniciar esse tipo de trabalho. Com o beneficiamento do peixe as mulheres do grupo Art's Pesca conseguiam vender 1 kg de traíra ao preço de R\$ 12,00.

Porém com a estiagem que chegou à região e a falta de espaço adequado para o trabalho do beneficiamento e desfiamento de peixe, as mulheres do grupo Art's Pesca inovaram mais uma vez. Através de pesquisas na internet, oficinas que o projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” ofereceu e força de vontade, as participantes do grupo iniciaram a produção de artesanato com a escama do peixe. Atualmente cinco mulheres participam ativamente do grupo e produzem peças de decoração e bijuterias que expressam delicadeza e geram renda ao grupo.

Figura 3 - Participantes atuais do grupo Art's Pesca em companhia da professora de oficina



Fonte: Foto disponibilizada por uma das participantes do grupo (2016)

Figura 4 - Artesanatos desenvolvidos pelo grupo Art's Pesca



Fonte: Arquivo do grupo Arts Pesca (2015)

Conhecendo a trajetória dos grupos até o momento, faz-se necessário explanar sobre o perfil das entrevistadas desta pesquisa. Na subseção a seguir apresenta-se o perfil das mulheres participantes dos empreendimentos de economia solidária investigados.

4.1.1 Perfil das entrevistadas

Na tabela 7 é exposto um perfil resumido das mulheres participantes dos empreendimentos de economia solidária investigados nesta pesquisa.

Tabela 7 - Perfil das mulheres participantes dos grupos estudados

Variáveis	Itens	MULHERES DE FÉ	ART'S PESCA
IDADE	20 a 29 anos	-	20%
	30 a 39 anos	20%	40%
	40 a 49 anos	40%	40%
	50 a 59 anos	20%	-
	Acima de 60 anos	20%	-
ESCOLARIDADE	Não alfabetizada	-	-
	Fundamental incompleto	40%	20%
	Fundamental completo	-	20%
	Médio incompleto	-	-
	Médio completo	40%	40%
	Superior	20%	20%
ESTADO CIVIL	Solteira	20%	20%
	Casada	80%	60%
	Divorciada	-	20%
	Viúva	-	-
RENDA MENSAL NO GRUPO	Até ½ salário mínimo	100%	100%
	½ salário mínimo	-	-
	1 a 2 salários mínimos	-	-
	Acima de 2 salários mínimos	-	-

Continua...

...Continuação

RENDA FAMILIAR MENSAL	Até ½ salário mínimo	-	-
	½ salário mínimo	-	-
	1 a 2 salários mínimos	100%	100%
	Acima de 2 salários mínimos	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

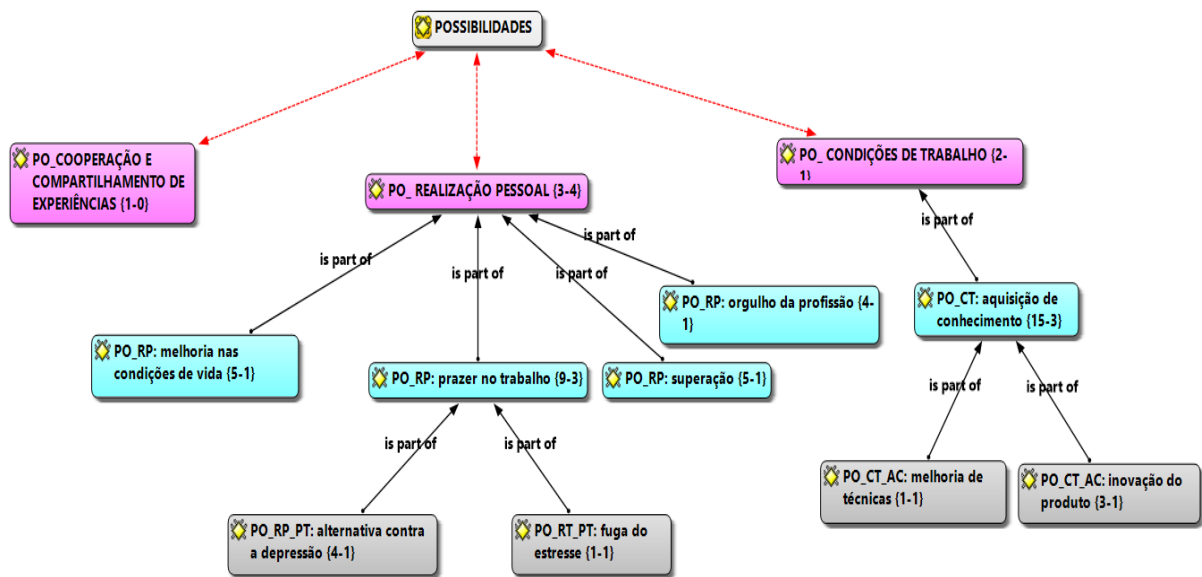
A maioria das mulheres entrevistadas nesta pesquisa tem idades entre 30 e 49 anos e são casadas. No grupo Mulheres de Fé, 40% das entrevistadas não concluíram o ensino fundamental, 40% concluíram o ensino médio e 20% conseguiu concluir um curso superior. Já no grupo Art's Pesca 20% das entrevistadas não concluíram o ensino fundamental, 20% concluíram o ensino fundamental, 40% concluíram o ensino médio e 20% está concluindo um curso de ensino superior. A renda mensal familiar das entrevistadas de ambos os grupos é de um a dois salários mínimos, sendo que a maior contribuição para a renda vem do esposo/companheiro. Já a renda gerada nos grupos Art's Pesca e Mulheres de Fé é de até ½ meio salário mínimo por participante.

Na seção a seguir, apresenta-se as possibilidades identificadas através do discurso das mulheres participantes dos empreendimentos de economia solidária estudados.

4.2 Possibilidades provenientes da economia solidária para as mulheres

A partir das análises das entrevistas realizadas, identificou-se que há três categorias de análise que remetem as possibilidades geradas em empreendimentos solidários, a saber: cooperação e compartilhamento de experiências, realização social e condições de trabalho.

Figura 5 - Possibilidades geradas em empreendimentos de economia solidária



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016)

Quanto à **cooperação e compartilhamento de experiências**, as entrevistadas afirmam que a participação nos grupos permitiu às mesmas o convívio com outras mulheres de realidades semelhantes. As reuniões para a produção dos produtos ou tomada de decisão, as viagens e oficinas que são oferecidas pelo projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” possibilitam que as mulheres dialoguem sobre os mais variados assuntos do dia a dia delas, promovendo uma forte amizade e uma alta troca de experiências. Isto corrobora Guérin (2003) ao enfatizar que, o convívio com outras mulheres gera alívio do cotidiano, sendo esta uma das primeiras possibilidades percebida pelas mulheres participantes dos empreendimentos de economia solidária investigados.

“a amizade que a gente faz aqui é muito boa, pra mim é uma conquista poder vir aqui se reunir e conversar com as colegas, pra mim é muito bom” (E02_MF);

“eu achei bom entrar nesse grupo porque conheci várias pessoas, fiz amizade, aprendi também com as experiências dos outros grupos e com as pessoas que vêm nos orientar” (E05_MF);

“[...] olha só, no dia a dia, você convive com pessoas e tudo, mas quando reúne um grupo de mulheres pra conversar coisa de mulher e que só mulher entende, é muito bom!” (E03_AP).

Em ambos empreendimentos as participantes não identificam competição entre si, mas sim uma forte cooperação entre as mesmas e entre os grupos da cidade, convergindo com a exposição de Singer (2002) que afirma que a colaboração e a igualdade são resultados naturais deste modelo de organização. Há nos empreendimentos a ajuda mútua, seja em questões profissionais como o incentivo a melhoria de habilidades, combate ao desânimo e

empréstimos de materiais de trabalho ou mesmo questões pessoais, pois nos empreendimentos há a compreensão, o respeito e companheirismo, como afirmam as entrevistas a seguir:

“a gente se ajuda bastante, a gente é um grupo muito unido. Não existe competição, pelo contrário, muita cooperação” (E01_MF);

“a cooperação é ótima, sempre que uma precisa, a outra coopera, contribui e ajuda, orienta, eu acho bom. Eu acho que não tem competição no grupo” (E02_MF);

“existe um respeito em todos os sentidos, respeitando o direito da outra, respeitando todo mundo, se ajudando, colaborando, olhar para a outra como uma companheira necessária para sua caminhada” (E02_AP);

“acho que existe a cooperação sim, sempre quando falta alguma coisa, como eu tou trabalhando mais só, se faltar alguma coisa eu peço ajuda as minhas colegas e elas sempre me ajudam” (E05_AP).

Pode-se inferir que os grupos investigados nesta pesquisa possuem integração entre si por participarem de um projeto que incentiva oficinas e viagens em conjunto, promovendo assim a união dos grupos e a busca conjunta por direitos.

As **realizações pessoais** que as mulheres investigadas alcançaram a partir da participação nos grupos Mulheres de Fé e Art's Pesca também estão associadas às possibilidades provenientes de um empreendimento de economia solidária. O **prazer** das mulheres em trabalhar no grupo apresenta-se como um dos indicadores de realização pessoal. Este prazer é resultado do gosto de exercer a profissão de artesã que as mulheres possuem e do grupo ser uma **alternativa contra a depressão** e uma forma de **fugir ao estresse** do dia a dia, como pode ser visto nos relatos abaixo:

“ [...] trabalhar em alguma coisa que seja prazeroso, que me sinta bem, que eu não veja a hora passar, que eu não trabalhe pensando no dinheiro. Trabalhar por amor, por prazer porque sou apaixonada pelo que faço e isso não tem dinheiro que pague” (E02_AP);

“oArt's Pesca é meu mundo, eu gosto demais dele (risos) eu sou apaixonada por esse grupo, mesmo assim sabe?! É minha vida [...] é um trabalho como outro qualquer só que esse trabalho me traz prazer [...] me sinto bem, não é à toa que quando eu não faço o artesanato eu me estresso, pra mim isso é uma fuga do estresse [...] eu era estressada, eu era depressiva, eu vivia numa depressão profunda, era triste, chorava direto quando o povo chegava perto de mim era eu chorando direto, nem eu me suportava e a partir do grupo melhorou” (E03_AP);

“aqui é que é bom é o que eu gosto de fazer e amo fazer, minha prioridade é trabalhar no grupo” (E04_AP);

“o grupo me ajudou a lutar contra a depressão, melhorou muito meu psicológico na questão de tudo [...] a principal conquista pra mim foi ter me tirado de uma boa depressão porque eu acho que se eu tivesse ficado dentro de casa eu acho que estaria no fundo do poço com certeza” (E05_AP).

A participação em um empreendimento solidário permite às mulheres a **superarem** desafios que antes elas não acreditavam que pudessem ser superados. Junto com as demais

participantes e com a ajuda do projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano”, as mulheres dos grupos Art’s Pesca e Mulheres de Fé conseguiram gerar resultados para os empreendimentos e conquistas como, a participação em feiras de artesanato e acesso ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Esses resultados levam as mulheres a ter orgulho de sua profissão, pois elas se sentem valorizadas e sentem que, através do grupo, elas têm um papel na sociedade, na classe de pescadoras (especificamente no grupo Arts Pesca) e de artesãs, como afirmam as entrevistadas a seguir:

“eu faço coisas que achava que eu não era capaz e hoje eu sinto que eu sou capaz e posso fazer várias coisas, me sinto muito bem dentro do grupo” (E03_MF);

“a conquista também foi na categoria da pesca a gente ter um papel, né?! A gente não é só apenas uma simples pescadora nós somos pescadoras, artesãs que trabalham e buscam melhorias no sistema, na categoria, na atividade que a gente tá valorizando mais o produto, a gente conseguiu a conquista de agregar valor a um produto, isso não é pouca coisa” (E02_AP);

“o pescador, a pescadora não tinha nenhuma valorização, hoje eu enxergo com orgulho” (E01_AP).

A realização pessoal alcançada com o empreendimento solidário também está ligada ao indicador de **melhoria nas condições de vida**. Esta possibilidade foi citada em várias entrevistas como motivo de busca das mulheres ao decidirem participar de um empreendimento solidário, como mostra os trechos abaixo:

“as mulheres estão aqui em busca de melhorias de vida né?! Eu creio que seja” (E01_MF)

“elas estão porque elas começaram a visar uma situação melhor, um estilo de vida mais saudável” (E02_AP)

“elas estão aqui no grupo procurando vencer e melhorias pra si própria” (E04_AP)

As **condições de trabalho** que um empreendimento de economia solidária oferece também são vistas como uma categoria de análise das possibilidades. Com a entrada das mulheres investigadas nos empreendimentos solidários, elas adquiriram novos conhecimentos e conseguiram refinar suas técnicas de desenvolvimentos dos produtos, resultando assim em melhorias na qualidade e especificações dos mesmos, decorrentes da **aquisição de conhecimento**. No grupo Mulheres de Fé, as mulheres conseguiram produzir novas peças de artesanato com o fuxico, já no grupo Arts Pesca, especificamente, as mulheres conseguiram desenvolver serviços/produtos inovadores para a região (beneficiamento da traíra e artesanato com escama de peixe). A percepção das mulheres frente a este indicador é mostrada a seguir:

“a gente fazia a diferença, porque na verdade a gente evoluiu, a gente inovou, acrescentou valor, a gente tá tirando produto que antes ia pro lixo, a gente mostrou ao pescador que aquilo que ele descarta tem valor, que a escama é um produto vivo” (E02_AP)

“ [...]aqui a gente consegue desenvolver melhor nossos trabalhos” (E03_MF)

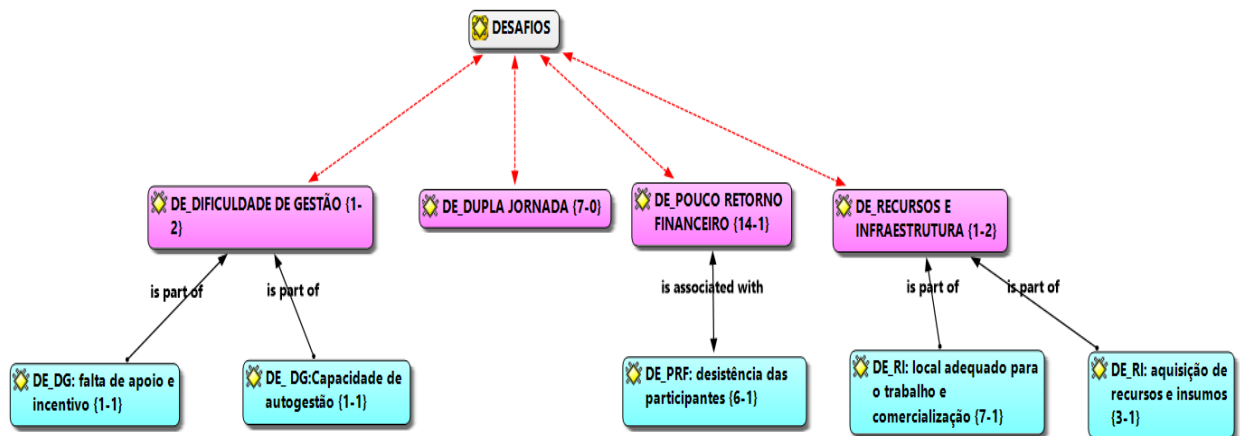
“a gente desenvolvia o trabalho mas foi na base do que a gente viu ou pensava que dava pra fazer e quando a gente teve nossa primeira oficina que a gente soube que era assim, assim, assim que faz é com isso, isso, isso e isso, isso que você usava não podia foi muito bom” (E03_AP)

Embora as mulheres tenham um bom leque de possibilidades que foram alcançadas através da participação das mesmas nos empreendimentos de economia solidária investigados, as mesmas também perceberam desafios relacionados a esse campo de atuação, como será abordado no tópico a seguir.

4.3 Desafios enfrentados pelas mulheres em empreendimentos solidários

A partir das análises das entrevistas, foram identificadas quatro categorias de análises que estão relacionadas com os desafios presentes em um empreendimento de economia solidária, a saber: dificuldade de gestão, dupla jornada, pouco retorno financeiro e recursos e infraestrutura, as quais podem ser visualizados na figura 6.

Figura 6 - Desafios presentes em um empreendimento de economia solidária



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016)

O primeiro desafio identificado relaciona-se com a **dificuldade de gestão** em um empreendimento de economia solidária. Embora os grupos tenham conseguido algumas parcerias através de projetos de outras organizações, ainda é precário o apoio dos governantes da região onde os grupos estão localizados, além de não haver políticas específicas para os grupos. Segundo as participantes, a prefeitura da cidade de Sumé não fornece subsídios ou **incentivos** para os grupos, dificultando a perenidade e evolução dos grupos, como pode ser visto nos relatos abaixo:

“Eu acho que pra gente se realizar a gente teria que ter mais ajuda dos governantes porque eles não ligam pra gente” (E03_MF);

“a gente ainda consegue enxergar ainda uma carência muito grande de que outras entidades poderiam ajudar muito mais como no caso daqui da prefeitura que não ajuda”(E02_AP).

Identificou-se também que as mulheres sentem dificuldades na execução correta da **autogestão**. A tomada de decisão em conjunto só ocorre quando é uma decisão grande, por exemplo, a ida para uma viagem, a participação em alguma oficina, etc., porém quando são decisões pequenas como a fabricação de um novo artesanato, a compra de uma nova ferramenta a decisão fica na responsabilidade de uma única pessoa, ferindo assim o princípio de autogestão que, segundo Singer (2002, p. 19) para se realizar, todos os sócios do empreendimento devem estar informados “de todas as alternativas disponíveis para a resolução de um problema”. Além disto, auxiliaria no compartilhamento de responsabilidades, conforme pode ser observado na seguinte fala:

“eu gostaria de ter mais uma pessoa mais a frente... assim... porque é muita coisa pra mim, ter outras pessoas que enfrentem junto comigo e com elas pra buscar dividir melhor as tarefas e as responsabilidades” (E02_AP).

A **dupla jornada** enfrentada pelas mulheres participantes dos grupos investigados apresenta-se como mais um desafio da participação de um empreendimento de economia solidária. Todas as entrevistadas responderam que embora agora tenham responsabilidades com os trabalhos dos grupos, as mesmas continuam sendo as principais responsáveis pelos serviços domésticos em seus lares.

Esta dupla jornada faz com que a maioria das entrevistadas se sintam sobrecarregadas, porém vale destacar que a sobrecarga identificada pelas mulheres nunca está voltada pela quantidade de produção que o grupo demanda, mas sim pelas tarefas domésticas cotidianas como mostra os relatos abaixo:

“as vezes eu me sinto sobrecarregada sim, porque as vezes eu quero trabalhar, fazer minhas coisas de artesanato e tenho que fazer os outros afazeres porque uma dona de casa tem suas obrigações né?!” (E04_MF)

“me sinto sobrecarregada sim porque as vezes o povo manda encomenda e eu com as coisas de casa pra fazer e com trabalho pra fazer ai junta né fico sobrecarregada, trabalho até tarde da noite de manhazinha mas enfrento” (E05_MF)

“me sinto sobrecarregada sim, porque assim [...] eu acho acaba sendo muita coisa porque as vezes eu sinto aquela vontade aquela necessidade de me dedicar mais ao artesanato de tentar correr atrás de soluções, surge ideias da minha cabeça pra tentar resolver os problemas do grupo e pra tentar correr atrás de alguma coisa mas assim eu não acho tempo disponível porque tem que fazer as coisas de casa” (E02_AP)

“se fosse só o artesanato tava beleza pra mim, me sinto sobrecarregada com outras coisas mas com isso não. É a melhor coisa de se fazer na vida (risos)” (E03_AP)

As mulheres participantes dos grupos investigados também tem desafios relacionados a **recursos, insumos e infraestrutura**. Como falado anteriormente, os grupos recebem pouco ou nenhum subsídio dos governantes locais. Esta falta de apoio reflete em uma precariedade no local de trabalho das mulheres dos grupos Mulheres de Fé e Arts Pesca. Ambos os grupos sofrem com falta de sede para a confecção e produção dos artesanatos, restando como solução a produção dos produtos nas casas das integrantes do grupo.

No caso do grupo Arts Pesca, a falta de um **local adequado para o trabalho** se torna mais grave, visto que, para a execução do serviço de beneficiamento de peixe, é necessário ter um local que esteja conforme as normas de vigilância sanitária e que contenha todos os equipamentos necessários para a execução deste serviço. Por outro lado, para a produção dos artesanatos é necessário um local onde se possa guardar as matérias primas e os produtos prontos, pois as peças são muito delicadas e fáceis de sofrerem danos.

As mulheres entrevistadas relataram ainda que sofrem com a dificuldade em ter um **local fixo para a comercialização** dos produtos já acabados. Segundo as mesmas, não ter um local onde possa ter as peças expostas para o público dificulta o conhecimento da população dos artesanatos feitos e, conseqüentemente, há dificuldade nas vendas dos produtos. Isto remete a afirmação de Godinho e Teixeira (2003) de que a comercialização é uma das principais dificuldades nos empreendimentos de economia solidária, pois a lógica do mercado penaliza os mais fracos e com menor experiência.

A falta de um local fixo para a comercialização é mais destacada como dificuldade no grupo Mulheres de Fé, pois o grupo é localizado na zona rural da cidade de Sumé, tornando a distância um empecilho maior para as mulheres integrantes deste grupo. Os desafios do local adequado para a produção e comercialização dos produtos acabados são apresentados nos relatos a seguir:

“Acho que a principal dificuldade é não ter um local fixo pra gente fazer nosso artesanato, porque essas peças são muito delicadas e exigem muito cuidado então se a gente ficar pulando de casa em casa perde muita coisa e se a gente tivesse um local a gente se animava mais [...] a gente ter um local de referência onde as pessoas venham comprar, um local pra gente expor todas as peças de todas as pessoas. E ter um local também pra trabalhar com peixe porque são muitas regras, então seria bom também a gente ter um local pra trabalhar com a desfiagem do peixe, porque a gente é especialista nisso mas por não ter um local, não ter como arcar isso nem ter apoio a gente não tem como fazer esse serviço” (E05_AP);

“a gente nunca acha como vender as peças, sabe?! As vezes a gente faz e fica com elas em casa porque não encontra a quem vender” (E01_MF);

“Se a gente encontrasse um ponto de venda pra gente levar as peças pra vender porque aqui é difícil, muito difícil” (E02_MF).

A **aquisição de material** é um indicador relacionado a desafios com recursos e insumos. As mulheres entrevistadas relatam que tem dificuldades em comprar as matérias primas necessárias para o desenvolvimento dos produtos, pois em Sumé não há materiais e ferramentas voltados para bijuterias, de modo que elas têm que se deslocar até Campina Grande, localizada a 134 km de distância, para a aquisição dos insumos necessários. Além da distância até a cidade citada, as mulheres ainda enfrentam cerca de seis horas de viagem de ônibus no percurso de ida e volta do destino, além dos custos com as passagens. O relato sobre esse desafio é citado pelas entrevistadas a seguir:

“saber fazer o trabalho a gente sabe mas precisa da matéria prima que a gente tem que buscar fora, se você for fazer uma bijóia aqui você não encontra nada de bijuteria, você tem que buscar fora então tudo isso tem um custo então pra gente que ta começando é muito difícil” (E05_AP);

“a gente tem um pouco de dificuldade na compra de material porque o bom seria que você tivesse condições de não comprar só um, mas de comprar 10, entendeu? Você ter o material adequado e certo pra quando você precisasse ter aquele material, mas aqui é tudo longe, tudo difícil” (E04_MF).

Por fim, temos como desafio o pouco **retorno financeiro** proveniente dos empreendimentos estudados. Este desafio foi o mais citado pelas mulheres entrevistadas. As mesmas falaram que o retorno financeiro é mínimo, conseguindo adquirir uma renda mensal de no máximo duzentos reais por mulher no grupo Arts Pesca e cerca de cem reais no grupo Mulheres de Fé.

Apesar da renda gerada pelo empreendimento ser pouca, a maioria das mulheres está satisfeita com o que ganha, pois elas enxergam o dinheiro como uma renda extra que antes elas não possuíam e como um retorno do trabalho desempenhado. Porém, mesmo estando satisfeitas com a renda obtida através do empreendimento, elas percebem que se tiverem melhores condições para desempenhar o trabalho e comercializar o produto acabado, conseguiriam ter um maior retorno financeiro. As mulheres têm consciência de suas habilidades e do que são capazes de fazer e por isso almejam uma maior renda, como pode ser observado nos relatos a seguir:

“tô satisfeita com o que ganho, graças a Deus, porque é uma renda extra que antes eu não tinha” (E03_MF);

“tô satisfeita com o que ganho não, mas é uma renda a mais né, porque a renda é pouca, se vendesse mais a renda seria bom mas a gente vende uma peça passa um mês dois pra poder vender outra” (E05_MF);

“eu poderia ganhar muito mais, mas eu sei que as possibilidades são só essas então eu tô satisfeita. Porque assim, não é que eu esteja satisfeita, mas assim eu sei que a gente tem potencial pra ganhar muito mais [...], mas eu sei que no momento as condições da gente é essa, então é por isso que eu me satisfaço” (E03_AP);

“tô satisfeita com o que eu ganho porque assim é bom sabe?! Por pouco que você ganha mas é seu, você suou por aquilo... foi você que fez aquilo então a renda é uma conquista tudo que você ganhou é uma conquista sua entendeu?!” (E04_AP).

Como citado no início deste capítulo, os empreendimentos iniciaram com um grupo maior de mulheres, porém muitas foram desistindo de participar das atividades. De acordo com as integrantes, ativas atualmente que foram entrevistadas, as mulheres que desistiram tiveram como motivo principal o pouco retorno financeiro que o empreendimento gera. A **desistência de participantes** causa enfraquecimento ao grupo, principalmente em questões de lutas por direitos coletivos e na capacidade de produção.

“me perguntaram esses dias se dava dinheiro, eu falei que não dava dinheiro, a gente faz porque a gente gosta de fazer e se sente bem fazendo, não é por financeiro e porque nem tudo na vida é dinheiro, aí muitas já se afastaram por conta disso, porque não dava dinheiro e as que ficaram é realmente porque gostam e se sente bem fazendo” (E03_AP).

As entrevistadas foram questionadas sobre o que seria ideal para que as mulheres dos grupos se realizassem no empreendimento que participam. Todas as respostas estavam intimamente ligadas aos desafios que elas enfrentam nos empreendimentos de economia solidária. Foram citados local para comercialização, ajuda dos governantes, local para a produção dos produtos e material e ferramentas para a execução do trabalho, como pode ser observado nas falas a seguir:

“eu acho que se achasse um ponto de venda pra vender os produtos feitos porque sai muito pouco” (E05_MF);

“vencer a dificuldade da nossa sede que a gente ainda não tem” (E01_AP);

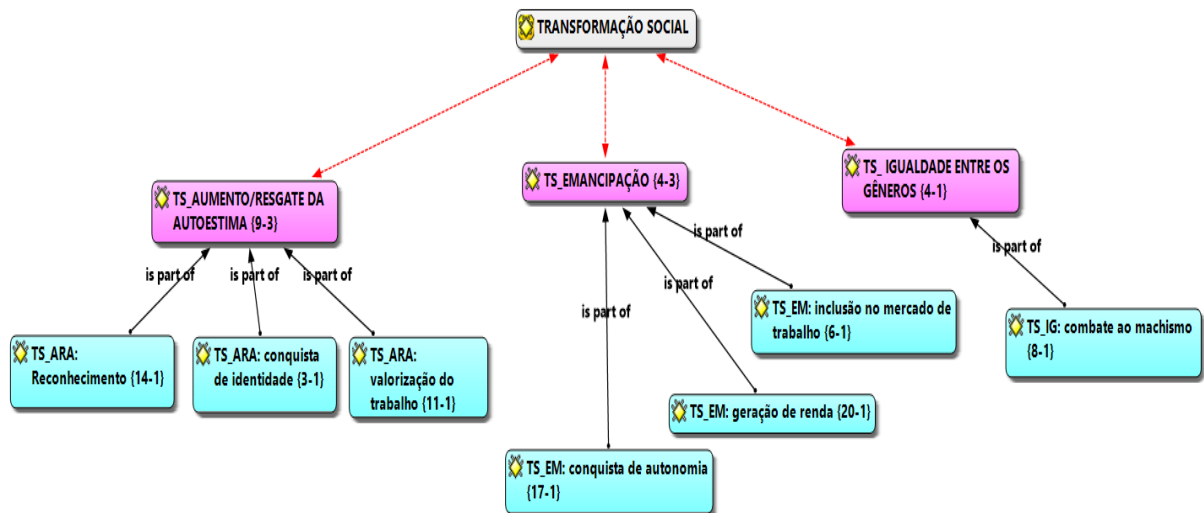
“ter alguém que olhasse pro trabalho da gente e pudesse ajudar a gente” (E05_AP).

Apesar de haver muitos desafios, as mulheres participantes dos grupos Mulheres de Fé e Arts Pesca percebem também que houveram transformações sociais nas suas vidas com a participação nos empreendimentos investigados. Estas transformações sociais são apresentadas no tópico a seguir.

4.4 Transformações sociais decorrentes da participação em empreendimentos de economia solidária

A última dimensão analisada nesta pesquisa foram as transformações sociais ocorridas na vida das mulheres investigadas a partir da participação em empreendimentos de economia solidária. Esta dimensão possui três categorias de análise que foram identificadas na análise das entrevistas e podem ser observadas na figura 7.

Figura 7 - Transformações sociais na vida das mulheres participantes de empreendimentos de economia solidária



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016)

De acordo com as respostas das entrevistadas desta pesquisa, o **aumento ou resgate da autoestima** foi um dos principais fatores de transformação após entrada nos empreendimentos. Nos grupos, as mulheres conseguiram ser valorizadas por sua profissão e pelo que fazem, houve o reconhecimento de seus trabalhos, não só na cidade, mas principalmente em exposições em outras cidades, possibilitando-lhes possuir uma identidade que antes não existia. Atualmente, as mulheres entrevistadas conseguem se ver como mulheres que exercem uma profissão e que tem um papel no local de atuação dos grupos.

“é gratificante porque você é reconhecida e valorizada” (E04_MF);

“a autoestima melhora em tudo até porque a gente faz, a gente usa, as pessoas olham pra gente e dão elogios então eu acho que a gente já se sente melhor” (E05_AP);

“a maior conquista daqui do grupo é a gente se reconhecer como mulher porque antes a gente se via como doméstica, dona de casa e agora a gente se vê como mulher que luta que quer sua independência, seu respeito” (E04_AP);

“a principal conquista foi as mulheres se sentirem valorizadas e saber que elas conquistaram e trabalharam por uma boa causa, isso é uma conquista, né?! E assim a melhoria foi na autoestima e elas se sentirem melhor como mulher e a conquista também foi na categoria da pesca a gente ter um papel, né?! A gente se sente mais realizada dentro da profissão [...] como mulher eu me senti realizada me senti útil e ser respeitada o meu gosto, a minha opinião a minha escolha, né?!” (E02_AP).

A pesquisa identificou também que as mulheres participantes dos empreendimentos de economia solidária estudados conseguiram sua **emancipação**, ou seja, as mulheres alcançaram a independência em seus contextos sociais, financeiros e familiares, o que corrobora com a afirmação de Guérin (2003, p. 82) que diz que “grupos constituídos por mulheres aparecem como suportes de emancipação individual”.

A partir da participação nos grupos Arts Pesca e Mulheres de Fé, as mulheres conseguiram perceber que foram **incluídas no mercado de trabalho**. Os relatos das entrevistadas confirmam que, embora as mesmas já tivessem trabalhado em outras atividades anteriormente, elas não se sentiam incluídas no mercado de trabalho, pois as pessoas que as rodeavam não as viam como trabalhadoras, mas sim como ajudantes dos respectivos esposos.

“Hoje eu me sinto incluída no mercado de trabalho porque antes eu ajudava o marido a pescar, pegava o peixe, cuidava do peixe, vendia o peixe, mas não era pescadora, era mulher de pescador, era como se eu não trabalhasse, não tinha profissão nem atividade, ela tá lá apenas ali AJUDANDO o esposo, ou seja, pra sociedade ela não era vista como uma pescadora, nem como uma mulher independente que tinha uma profissão, né?!” (E02_AP)

Deve-se ressaltar que a inclusão das mulheres no mercado de trabalho é um “elemento chave no processo de construção de sua autonomia” (SUPLICY, 2003, p. 5). Em 1997, o Escritório de Cooperação do governo da Holanda propôs quatro níveis de autonomia feminina, a saber: autonomia física, autonomia econômica, autonomia política e autonomia sociocultural. Dos níveis de autonomia feminina citados, dois se fizeram presentes na vida das mulheres investigadas, a saber: 1) a autonomia econômica, pois a partir da participação nos grupos as mesmas conseguiram ser atuantes em um meio de produção, conseguindo uma fonte de renda para as mesmas; 2) a autonomia sociocultural, pois a partir da participação nos grupos as mesmas conseguiram gerar uma identidade, melhorando também sua autoestima como já falado anteriormente.

“eu conquistei muito minha autonomia dentro do grupo, isso melhorou muito mesmo”(E03_MF);

“eu acho que as mulheres daqui do grupo querem ter uma autonomia de ter uma vida mais individual não ser tão dependente do marido” (E05_MF);

“pra mim foi minha liberdade, consegui sair de uma situação humilhante então o grupo foi minha autonomia, minha liberdade e independência, foi tudo de bom” (E04_AP).

A **geração de renda** que os grupos proporcionam também é visto como possibilidade de emancipação para as mulheres. Apesar do retorno financeiro ser baixo, a renda conseguida nos grupos significa uma grande ajuda para a vida das mulheres, é através dessa renda que elas podem comprar objetos pessoais e contribuir com a renda familiar, como é visto nos depoimentos a seguir:

“a gente já ganha um dinheiro extra, já cabe no orçamento e ajuda nas despesas de casa, melhorou muito nessa área financeira” (E01_AP);

“o grupo ajudou muito financeiramente porque por exemplo a gente não precisa mais pedir dinheiro a eles, se humilhar pra poder usar um batom como eu já me humilhei [...] teve outra época de eu pedir dinheiro pra comprar shampoo e meu marido me negou mesmo eu trabalhando o dia todo na pesca ele simplesmente disse

que não tinha [...] quando eu precisava de um real se eu não pegasse o real sem ele perceber pra evitar confusão (E04_AP).

Por fim, a luta para a **igualdade entre os gêneros** e o **combate ao machismo**, aspectos muito presentes na região, é vista como mais uma transformação social alcançada a partir da participação das mulheres nos empreendimentos de economia solidária investigados. Lima e Soares (2011, p. 8) afirmam que “a economia solidária pretende superar conceitos socialmente construídos de relações de gênero, demonstrando, na prática, uma maior igualdade entre homens e mulheres”. As mulheres investigadas nesta pesquisa relatam que a partir da participação nos grupos, elas conseguem desenvolver um trabalho que não depende da participação dos maridos e conseguem, através dos resultados, mostrar aos homens da região que o trabalho que as mesmas exercem é um trabalho digno e que merece respeito.

“trabalhar em outra atividade que não tenha nada a ver com a atividade do meu marido e não tenha nada a ver com atividade de casa” (E01_AP);

“esse grupo representa assim uma satisfação muito grande pra mim porque eu consegui primeiro provar para as pessoas que diziam que eu não tinha o que fazer que eu largava minha casa, largava meu marido que eu não cuidava de casa que eu era vadia que só ia atrás de reuniões e que essas reuniões não tinham futuro, eu mostrei que realmente tava com intenção de trabalhar” (E02_AP);

“os maridos sempre diziam que isso de artesanato não tinha futuro que o dever da mulher era limpar peixe pra eles venderem, sempre tinha aquelas críticas machistas e hoje a gente consegue ver que muito dos pescadores reconhecem o trabalho da gente e querem inclusive que as mulheres deles aprendam pra eles venderem também então a gente calou a boca deles que eles não fazem mais críticas” (E04_AP).

Os dados desta dimensão reforçam que as transformações sociais decorrentes da participação em empreendimentos de economia solidária estão efetivamente ligadas à emancipação feminina, pois estas se apresentam como alcance de autonomia, possibilidade de igualdade de gênero, inclusão no mercado de trabalho e geração de renda. Na subseção a seguir serão apresentadas as conclusões deste capítulo.

4.5 Conclusões do capítulo

Com base nos resultados desta pesquisa pôde-se fazer uma compilação das possibilidades, desafios e transformações sociais identificados em decorrência da participação de mulheres em empreendimentos de economia solidária apresentada no quadro 5.

Quadro 5 - Possibilidades, desafios e transformações sociais encontrados na pesquisa

DIMENSÃO	CATEGORIAS	INDICADORES
POSSIBILIDADES	Cooperação e compartilhamento de experiências	-
	Realização Pessoal	Melhoria nas condições de vida
		Prazer no trabalho
		Superação
Condições de trabalho	Orgulho da profissão	
DESAFIOS	Dificuldade de gestão	Aquisição de conhecimento
		Falta de apoio e incentivo
	Dupla jornada	Capacidade de autogestão
	Pouco retorno financeiro	-
	Recursos e Infraestrutura	Desistência das participantes
Local adequado para o trabalho e comercialização		
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	Aumento/resgate de autoestima	Aquisição de recursos e insumos
		Reconhecimento
		Conquista de identidade
	Emancipação	Valorização do trabalho
		Conquista de autonomia
		Geração de renda
	Igualdade entre os gêneros	Inclusão no mercado de trabalho
	Combate ao machismo	

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2016)

Comparando os dados do Quadro 5 com os dados do Quadro 3, apresentado nas páginas 34 do referencial teórico deste estudo, pode-se chegar as seguintes conclusões: quanto as possibilidades previstas na literatura investigada houve um reordenamento da variável "conquista de independência financeira" que foi inserida na categoria de "realização pessoal" com foco no indicador de "melhorias nas condições de vida". Já a variável "Integração e compartilhamento de experiências e valores" foi confirmada no estudo de caso e emergiu uma nova categoria de análise associada às "condições de trabalho".

No que tange aos desafios, pôde-se constatar que os resultados desta pesquisa estão em sincronia com os desafios citados na bibliografia sobre o tema. A variável que agregava o “pouco acesso a recursos financeiros, falta de política de crédito e subsídio governamental” foram alocadas como indicador “falta de apoio e incentivo” que faz parte da categoria “dificuldade de gestão”. As variáveis “dificuldade de gestão” e “pouco retorno financeiro” foram confirmadas nos resultados, sendo tratadas como categorias de análise. A variável “dificuldade na comercialização dos produtos” apresentou-se nos resultados como indicador relacionado à categoria “recursos infraestrutura”. As variáveis “falta de conhecimento tecnológico” e “falta de rede de relacionamentos” não foram confirmadas nos resultados desta pesquisa. A “dupla jornada” foi identificada como uma nova categoria de análise que antes não fora apresentada no referencial teórico.

Por fim, os resultados obtidos referentes a transformações sociais a partir da participação em empreendimentos de economia solidária estão em equidade com o que os principais autores expõem sobre o tema. Houve apenas algumas realocações de variáveis, a saber: as variáveis “autonomia” e “geração de renda” se apresentaram como indicadores que fazem parte da categoria “emancipação”. Já a variável “maior reconhecimento e visibilidade dos trabalhos” foi desmembrada nos indicadores “reconhecimento” e “valorização do trabalho” nos quais são partes integrantes da categoria “regate de autoestima”. A variável “superação de diferenças de gênero e desigualdades intrafamiliares” também foi confirmada nos resultados, apresentando-se nos resultados como a categoria de análise “igualdade de gênero”.

Capítulo 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5 Considerações Finais

A economia solidária se apresenta como uma nova forma de economia, na qual possibilita aos participantes um ambiente onde há o gerenciamento participativo voltado para o interesse coletivo. Alguns princípios que norteiam os empreendimentos de economia solidária são: autogestão, solidariedade, cooperação e emancipação. Tomando como base o último princípio citado, este trabalho teve como objetivo identificar as possibilidades, os desafios e as transformações sociais da participação feminina em empreendimentos de economia solidária assistidos pelo projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” na cidade de Sumé – PB.

Os resultados encontrados nesta pesquisa se ajustam à literatura sobre economia solidária investigada. No entanto, os principais autores sobre o tema tratam os seus aspectos de forma geral, de modo que a literatura investigada foi confrontada com os resultados obtidos enquadrando os aspectos das dimensões de possibilidades, desafios e transformação social considerando a questão de gênero, para atender ao objetivo deste estudo. Desse modo, o quadro 6 apresenta o comparativo entre as possibilidades, desafios e transformações sociais que são citados pelos autores utilizados e os resultados obtidos nesta pesquisa.

Quadro 6 - Comparativo entre literatura e resultados encontrados

DIMENSÕES	BASE LITERARIA	RESULTADOS ENCONTRADOS
Possibilidades	<ul style="list-style-type: none"> • Conquista de independência financeira • Permite a integração e compartilhamento de experiências e valores • Superação de diferenças de gênero e desigualdades intrafamiliares 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação e compartilhamento de experiências • Realização Pessoal – Melhorias nas condições de vida, prazer no trabalho, superação e orgulho da profissão • Condições de trabalho – Aquisição de conhecimento
Desafios	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de gestão • Dificuldade na comercialização dos produtos • Pouco acesso a recursos financeiros, falta de política de créditos específica aos empreendimentos e falta de subsídio governamental • Falta de conhecimentos tecnológicos • Falta de rede de relacionamentos para troca de experiências e conhecimentos • Falta de rendimento justo 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de gestão – Falta de apoio e incentivo, capacidade de autogestão • Dupla Jornada • Pouco retorno financeiro – Desistência das participantes • Recursos e Infraestrutura – Local adequado para o trabalho e comercialização, aquisição de recursos e insumos

	pelos desempenhados	trabalhos	
Transformações Sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Emancipação social • Autonomia pessoal • Resgate de autoestima • Maior reconhecimento e visibilidade dos trabalhos • Geração de renda 	e	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento/resgate da autoestima – Reconhecimento, conquista de identidade, valorização do trabalho • Emancipação – conquista de autonomia, geração de renda, inclusão no mercado de trabalho • Igualdade entre os gêneros – Combate ao machismo

Fonte: Elaboração própria (2016)

O estudo em grupos diferentes e o confronto com as obras já existentes sobre a participação feminina em empreendimentos de economia solidária, possibilitou identificar que não se pode generalizar as teorias. Pôde-se identificar, por exemplo, que o trabalhar pelo prazer e a percepção da luta pela igualdade de gênero a partir de empreendimentos de economia solidária, é sentida mais fortemente nas mulheres de apenas um dos grupos investigados. Isto sugere que a forma que as mulheres enxergam as possibilidades, desafios e transformações sociais de empreendimentos de economia solidária pode variar de acordo com a realidade da vida pessoal das mesmas e do contexto que o empreendimento está inserido (localidade, apoios, número de participantes, etc.)

Pelo fato do projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” atender empreendimentos de economia solidária em oito cidades do Cariri paraibano, tornou-se inviável a pesquisa em todos os empreendimentos participantes deste projeto, sendo esta uma limitação a este estudo.

Esta pesquisa gera respaldo para os novos estudos que relacionam gênero e a economia solidária, possibilitando o aprofundamento nas dimensões analisadas (possibilidades, desafios e transformações sociais) e nas categorias de análise apresentadas, acreditando-se que estes estudos podem contribuir para o entendimento de como os empreendimentos de economia solidária geram impactos na emancipação feminina. A pesquisa possibilita também que haja novos estudos com os sujeitos investigados na pesquisa, ou acrescentar os demais grupos que fazem parte do projeto “Mulheres Rurais: Autonomia e Empoderamento no Cariri Paraibano” de forma a obter uma maior margem de respostas para a confirmação dos resultados deste trabalho. Ainda é possível fazer um estudo onde seja levantado a percepção dos responsáveis das instituições que apoiam este projeto.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, M. W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CANÇADO, A. C.; TENÓRIO, F. G.; PEREIRA, J. R. **Gestão social: reflexões teóricas e conceituais**. Cadernos EBAPE.BR, v. 9, n. 3, art. 1, p. 681-703, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n3/a02v9n3>> Acesso em 08 de fevereiro de 2016.

CORREIA, S. E. N. **O Papel do Ator Organizacional na Inovação Social**. 2015. 222 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, Recife, PE, 2015. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/16753/Tese_Suzanne%20Correia%20\(30.nov.2015\).pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/16753/Tese_Suzanne%20Correia%20(30.nov.2015).pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 09 de abril de 2016.

COSTA, P. A.; CARRION, R. S. M. **Situando a Economia Solidária no campo dos estudos organizacionais**. Outra Economia, v. III, n. 4, p. 66-81, 2009. Disponível: <http://www.dhl.hegoa.ehu.es/ficheros/0000/0436/Carrion_Situando_a_Economia_Solid%C3%A1ria_no_Campo_dos_Estudos_Organizacoes.pdf> Acesso em 05 de fevereiro de 2016.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CULTI, Maria Nezilda. **Mulheres na Economia Solidária: desafios sociais e políticos**. Texto aceito para apresentação no IV Congresso Europeo CEISAL de Latinoamericanistas, 2004. Disponível em: <<http://www.unitrabalho.org.br/IMG/pdf/Mulheres-e-Economia-Solidaria.pdf>> Acesso em: 30 de março de 2016.

DIAS, T. F.; SOUZA, W. J. **Gestão social e economia solidária: o caso da Associação dos Produtores e Produtoras Rurais da Feira Agroecológica de Mossoró – Aprofam, Mossoró-RN**. Teoria e Prática em Administração, v. 4, n. 1, p. 261-294, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tpa/article/view/18112>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2016.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

FRANÇA FILHO, GENAUTO. C. **Novos Arranjos Organizacionais Possíveis? O Fenômeno da Economia Solidária em Questão (Precisões e Complementos)**. Revista Organizações & Sociedade, Salvador, v. 8, n. 20, p. 125-137, 2001. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10566>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2016.

_____. **Definindo gestão social**. 2007. Disponível em: www.gestaosocial.org.br/conteudo/.../gestao-da...social...e.../download. Acesso em: 01 de fevereiro de 2016.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Fundação Banco do Brasil. **Autonomia econômica das mulheres rurais**. Disponível em: <<http://www.fbb.org.br/tecnologiasocial/bancodetecnologiasociais/pesquisartecnologias/detalhar-tecnologia-83.htm>> Acesso em: 16.04.2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (organ.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODINHO, T.; TEIXEIRA, M. **Emprego e cidadania ativa para as mulheres: A experiência do projeto na cidade de São Paulo**. In: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003, pág. 101 - 108. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>> Acesso em: 21 de abril de 2016.

GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000200008> Acesso em: 10 de abril de 2016.

GONDIM, M. F. R.; SILVA, M. R. F. ; DIAS, T. F. ; NUNES, E. M. . **As Mulheres Rurais na Rede XiqueXique de Comercialização Solidária (RN): avanços e desafios da gestão social partir do debate de gênero**. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social, 2013, Belém/PA. Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social. Belém: UNAMA, 2013. Disponível em: <<http://www.anaisenapegs.com.br/2013/dmdocuments/1599.pdf>> Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

GRZYBOVSKI, D.; MOZZATO, A. R. **Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios**. In: Revista de Administração contemporânea, Curitiba, v. 15, n.4, p. 731-747, Jul./Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>> Acesso em: 09 de abril de 2016.

GUÉRIN, Isabelle. **Sociologia Econômica e Relações de Gênero**. In: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003, pág. 71-88. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2016

_____. **As Mulheres e a Economia solidária**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ZucbEAXK-AEC&pg=PA16&lpg=PA16&dq=a+economia+solid%C3%A1ria+diante+das+desigualdades+entre+os+sexos&source=bl&ots=og3xHRCB8&sig=_A5F1_sgASOk48yQrf3ZNid9Sqw&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwi4qdOsnKPLAhWITZAKHVEvBAEQ6AEIjAA#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 22 de fevereiro de 2016.

GUERRA, J.F.C ; TEODÓSIO, A. S. S. . **Pesquisa Qualitativa em Gestão Social: uma análise da produção de conhecimento em estudos de caso**. Revista Gestão & Tecnologia , v.

14, p. 160-176, 2014. Disponível em: <<http://revistagt.fpl.edu.br/get/article/view/444>> Acesso em: 11 de novembro de 2015.

GUERRA, A. C.; TOLEDO, D. A. C. **Economia Solidária e Relações de Gênero: analisando uma nova relação de trabalho.** In: XXXIV Enanpad, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XXXIV Enanpad, 2010. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2010/GPR/2010_GPR590.pdf> Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

KELLE, U. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão.** In: Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LECHAT, Noelle. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil.** Anais do II Seminário de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, Unicamp, 2002. Disponível em: <http://www.socioeco.org/bdf_fiche-document-3278_pt.html> Acesso em: 25 de fevereiro de 2015.

LIMA, G; SOARES, M. L. **MULHERES, HISTÓRIA E SABERES: construindo economia solidária.** In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2011, São Luís, MA. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUE_STOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/MULHERES_HISTORIA_E_SABERES_CONSTRUINDO_ECONOMIA_SOLIDARIA.pdf> Acesso em: 02 de maio de 2016.

MAZZOTTI, M. **O município como articulador de interesses e oportunidades para as mulheres.** In: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003, pág. 109-116. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2016.

MESSIAS, A. R. ; LIMA, J. R. O. . **A mulher na economia popular e solidária: ponderações a partir de uma experiência de incubação.** In: CONINTER 3 - Congresso Internacional interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2014, Salvador - BA. Anais CONINTER 3. Salvador - BA: ANINTER-SH, 2014. v. 1. p. 778-790. Disponível em: <[http://congresosociologia.servicioit.cl/actas/gt21/GT21%20Ana%20Messias%20Regina%20-%20Jose%20Oliveira%20Lima%20\(Ponencia%20completa\).pdf](http://congresosociologia.servicioit.cl/actas/gt21/GT21%20Ana%20Messias%20Regina%20-%20Jose%20Oliveira%20Lima%20(Ponencia%20completa).pdf)> Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

MOMO, D. C. **Economia Solidária e Relações de Gênero: o caso do grupo produtivo Mulheres Decididas a Vencer.** 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12221>> Acesso em: 19 de abril de 2016.

MORAIS, E. E.; LANZA, F.; PELANDA, S. S.; SANTOS, L. M. L. **Propriedades coletivas, cooperativismo e economia solidária no Brasil.** Serviço Social & Sociedade. São Paulo, n.105, p. 67-88, jan./mar. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282011000100005>
Acesso em: 20 de abril de 2016.

MUNDIM, F. L. C. **(Im)Possibilidades da Economia Popular Solidária no Processo De Emancipação da Mulher: um estudo de caso no Assentamento Rural Pastorinhas**. 2010. 94 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento do Centro Universitário UNA) – Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.socioeco.org/bdf_auteur-2983_pt.html> Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

_____.; TEODÓSIO, A. D. S. S. **(Des)Caminhos e encruzilhadas das mulheres na outra economia: um estudo de caso no Assentamento Rural Pastorinhas**. *Gestão e Sociedade*, v. 5, n. 11, p. 104-120, 2011. Disponível em: <<http://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1135/912>> Acesso em: 03 de fevereiro de 2016.

PEIXOTO, S. L. F. ; RAMOS, J. P. ; PESSOA, C. . **Economia Solidária e Feminista: reflexões em torno da autonomia econômica das mulheres**. In: II Encontro Internacional Trabalho e Formação de Trabalhadores, 2008, Fortaleza. II Encontro Internacional Trabalho e Formação de Trabalhadores, 2008. Disponível em: <http://www.socioeco.org/bdf_fiche-document-108_pt.html> Acesso em: 01 de março de 2016.

PIMENTEL, M. P. C.; PIMENTEL, T. D. **Gestão Social: Perspectivas, Princípios e (De) Limitações**. In: VI Encontro de Estudos Organizacionais - EnEO, 2010, Florianópolis (SC). Curitiba (PR): ANPAD, 2010. v. 1. p. 1-16. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo_2010/2010_ENEO418.pdf> Acesso em: 29 de dezembro de 2015.

Projeto Dom Helder Camara. **Mulheres do Cariri Paraibano Recebem Prêmio**. Disponível em: <<http://www.projetedomhelder.gov.br/site/component/content/article/11-ultimas-noticias/479-mulheres-do-cariri-paraibano-recebem-premio.html>> Acesso em: 16 de abril de 2016.

Projeto SIES. **Atlas Digital da Economia Solidária**. Disponível em: <<http://sies.ecosol.org.br/atlas>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2016.

RAMOS, A. T. A. **Mulheres na Economia Solidária: Uma Alternativa de Inserção Social ao Mercado de Trabalho**. In: XI Congresso Lus Afro Brasileiro de Ciências Sociais - Diversidades e (Des)Igualdades., 2011, Salvador. Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307736226_ARQUIVO_TrabalhoCompletoCONLAB.pdf> Acesso em: 28 de janeiro de 2016.

SENAES/MTE. **Economia Solidária: Outra Economia Acontece!** Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social, 2006. Disponível em: <http://base.socioeco.org/docs/cartilha_fb.es.pdf> Acesso em: 26 de fevereiro de 2016.

SILVA, Márcia Nazaré. **A economia solidária e as novas possibilidades do mundo do trabalho**. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, n. 86, mar 2011. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9064>. Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

SINGER, Paul. **Introdução a economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOARES, E. **Metodologia Científica: Lógica, Epistemologia e Normas**. São Paulo: Atlas, 2003.

SUPLICY, M. **A igualdade pelo trabalho**. In: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: Desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2003, pág. 5. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>> Acesso em: 22 de abril de 2016

TENÓRIO, Fernando G., **Gestão social: uma perspectiva conceitual**, RAP, Rio de Janeiro, Vol.32, n.5, set/out. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/7754/6346>> Acesso em: 29 de dezembro de 2015.

Apêndice A – Roteiro de entrevista nos grupos Art's Pesca e Mulheres de Fé

Idade: _____

1. Escolaridade:

a) Não Alfabetizada

b) Ensino Fundamental incompleto

c) Ensino Fundamental completo

d) Ensino Médio incompleto

e) Ensino Médio completo

f) Outro. Especificar: _____

2. Estado Civil:

a) Solteira b) Casada c) Divorciada d) Viúva

3. Tem filhos? a) Não b) Sim. Quantos? _____

Se sim, quem cuida deles? _____.

4. Quantas pessoas moram em sua casa? _____. Quantas trabalham? _____

5. Você ajuda nas despesas de casa? a) Não b) Sim. Quem é a pessoa da sua família que mais contribui nas despesas de casa? _____.

6. Qual tem sido a sua média de renda por mês no empreendimento?

a) Até ½ salário mínimo

b) ½ salário mínimo

c) 1 a 2 salários mínimos

d) Acima de 2 salários mínimos

7. Qual é a média de renda geral por mês de todas as pessoas da sua família?

a) Até ½ salário mínimo

b) ½ salário mínimo

c) 1 a 2 salários mínimos

d) Acima de 2 salários mínimos

8. A renda adquirida no empreendimento tem ajudado a melhorar sua família e dos seus familiares?

a) Sim, tem ajudado b) não tem ajudado

9. Há quanto tempo está no empreendimento?

a) 1 a 6 meses b) 6 meses a 1 ano c) 1 a 2 anos d) 2 a 3 anos e) acima de 3 anos

10. Quem cuida dos serviços domésticos? _____

11. Como você conheceu o empreendimento? Como entrou nele?

12. Em sua opinião existem diferenças entre o seu trabalho atual no grupo em que participa no empreendimento em relação a outros que você desempenhava antes?

13. Como é o seu cotidiano no empreendimento?

14. Como é a sua relação com o empreendimento? E a relação das outras mulheres com o empreendimento?

15. Porque as mulheres estão aqui no empreendimento? O que a maioria das pessoas estão buscando aqui?

16. Depois da sua entrada no grupo, você ajuda nos serviços domésticos em casa? Você se sente sobrecarregada?

17. O que seria ideal para as mulheres do empreendimento se realizarem?

18. Quais foram as principais conquistas e melhorias para as mulheres do empreendimento?

19. Quais os desafios que precisam ser superados?

20. Como é o processo de tomada de decisão no empreendimento? Todas as mulheres participam das decisões do empreendimento?

21. Como é a divisão de tarefas no empreendimento? O que há de bom e de ruim nisso?

22. Como você vê a cooperação e a competição dentro do empreendimento?

23. Como é a sua relação com as colegas de trabalho?

24. Você está satisfeita com a renda que tem ganhado atualmente? Porquê?

25. Como é a divisão da renda gerada pelo empreendimento? O que você acha disso?

26. Você se sente incluída no mercado de trabalho pelo fato de trabalhar no grupo?
27. Quais seus planos para o futuro? Pretende continuar no empreendimento? Porquê?
28. Como você vê o futuro das mulheres do empreendimento?
29. Comente sobre a sua experiência, enquanto mulher, em participar do empreendimento.

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para aplicação das entrevistas

Termo Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,....., tendo sido convidada a participar como voluntária do estudo **As mulheres na economia solidária: possibilidades e desafios**, recebi da Sra. Verônica Macário de Oliveira da Unidade Acadêmica de Administração e Contabilidade da UFCG e sua orientanda Rafaelle Amado da Silva, responsáveis por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a identificar as possibilidades e os desafios decorrentes da economia solidária no processo emancipação feminina.
- Que a importância deste estudo é a verificar as possibilidades, desafios e mudanças na vida das mulheres participantes de empreendimentos de economia solidária.
- Que esse estudo começou em janeiro/2016 e terminará em maio/2016
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: Através de estudo de caso
- Que eu participarei das seguintes etapas: entrevistas semiestruturadas.
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: não possui riscos.
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: obter informações relevantes sobre as possibilidades, desafios e transformações sociais na vida das mulheres através da economia solidária.
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para o participante da pesquisa.
- Que eu serei indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa, podendo ser encaminhado para UAAC/UFCG.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Para qualquer informação, a Sra poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Rua Aprígio Veloso, 882 - Universitário, Campina Grande - PB, 58429-900, pelo telefone (83) 2101-1000.

Sumé, __/__/2016.

